

PARA TODOS...

ANNO XIII — Num. 664

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de
1931

PREÇO: — 18000



O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

A tosse nocturna é o maior horror dos que sofrem de bronchites chronicas, asthma ou coqueluche. O *Bromil*, sendo um calmante e um espectorante poderoso, evita os acessos de tosse, permitindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao suplicio das noites em claro.



KOHOUT New York

TOSSE ? BROMIL

COMPETE A'S SENHORAS

... lembrar aos maridos a necessidade dos seguros de vida ... São ellas e os filhos as maiores victimas da imprevidencia !



O SYMBOLO
DA SEGURANCA



A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA
SEDE SOCIAL : AV. RIO BRANCO, 125



“Unidos para sempre, até a morte os separar.”

E este o character dos laços matrimoniaes no Brasil, onde uma alta moral religiosa tem protegido a sociedade contra as investidas vãs do divorcio, planta damnhinha que não póde medrar em terra christã como a nossa.

É em tal base de *união até morte* que se fundam os lares brasileiros, cujo característico é o espirito tutelar da esposa, guarda vigilante e incondicional da familia.

Mas para que a joven esposa possa arcar desde o inicio da vida conjugal com suas responsabilidades de zeladora do lar, é preciso que saiba defender a propria saude, contra os males periodicos a que está exposta todos os mezes. Para isto basta ter sempre na lembrança que para os *Incommodos de Senhoras* nada ha que se compare ao infallivel remedio

A Saude da Mulher

PARA TODOS...



DENTRO DA ÉPOCA

- Que é isso?
- Uma peça que eu estou escrevendo sobre Paulo e Virginia e Romeu e Julieta.
- Uma coisa tão velha...
- Mas agora é Romeu e Virginia e Paulo e Julieta.

O ALCOOL ATÉ FAZ BEM

Autoridades medicas de Londres estão apoiando o uso de bebidas alcoolicas em pequenas quantidades, como cocktails, etc.

Num livro que acabam de escrever, intitulado "Os efeitos do alcool", esses medicos declaram que, quando tomado em pequenas doses, tem um grande poder estimulante sobre a respiração e facilita a secreção de succos gastricos. Continuando nas suas explicações, declaram ainda que, ao ser tomado em pequenas doses, o alcool actua sobre a coordenação muscular. Nesse caso citam as pessoas acostumadas a jogos esportivos, as que produzem trabalhos manuaes e finalmente as que dirigem vehiculos, as quaes estão mais expostas a terem que executar uma decisão rápida e acertada, quer bebam, quer não. A razão pela qual o alcool produz um "alvorço" no espirito de uns, e em outros o desejo de dormir, fica explicada em parte pelo facto delle actuar em uns como narcotico e em outros como estimulante, tornando-se assim malefico ou benefico conforme o organismo. A crença popular de que o alcool produz doenças vasculares ou alta pressão do sangue, fica sem razão de ser pois os medicos dizem que isso acontece quando o organismo já está predisposto ou já possui essas alterações.

SERIA MODA NA SUECIA?

No "Diable au corps", de Raymond Radiguet ha este pedaço:

COCKTAIL

"...Ella tirou da bolsa uma photographia da sua irmã gêmea, enviada da Suecia na vespera: a cavallo, completamente nua, com a cartola do avô na cabeça."

BEM FEITO!

A senhora de um musico, notavel pela sua má lingua, estava em plena actividade num salão quando se engasgou e deu um grito:

— Que horror! enguli uma mosca!

— Bem feito! — disse um dos ouvintes.

— Como?!

— Sim, minha senhora. Eu de-
testo as moscas, e sempre que
acontece qualquer desgraça a uma
dellas, não imagina a minha ale-
gria...

DEDICATORIAS

Joseph Delteil dedicou o seu primeiro romance: "Sur le fleuve d'amour":

A' mamãe, á Virgem Maria e ao general Bonaparte.

O segundo, "Cholera", tinha apenas esta dedicatória:

A Deus.



Para todos...

Propriedade e direcção
de

ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

Gerente:

MARIO ACHÉ CORDEIRO



CONSELHOS MATERNOS

— Minha filha! Uma moça que se preza não vai só ao cinema.

— Mas eu fui com "seu" Alfredo do armazinho.

DE REMY DE GOURMONT

A verdade é uma illusão, e a illusão é uma verdade...

Não é preciso que a gente acredite sempre na mesma coisa...

Uma boa verdade é boa e um bom erro é bom...

NUMA VIAGEM ILLUSTRE

Bernard Shaw e Chauncy M. Depew encontraram-se uma vez no mesmo navio, iam para os Estados Unidos, com varias conferencias na bagagem. O commandante deu um grande jantar em honra dos dois escriptores. Quando chegou o momento dos speeches, Shaw falou primeiro. Cinco minutos. Bruto successo. Depois, Depew ergueu-se e disse:

— Captain, ladies and gentlemen, antes de virmos para a mesa, combinamos, Shaw e eu, trocar os nossos discursos. Elle acaba de exhibir o meu. E, lamentavelmente, verifico que perdi o delle. Aliás, pelo que me lembro, não era interessante.

E sentou-se, entre risos genericos.

No dia seguinte, um senhor americano encontrou Bernard Shaw a um canto do tombadilho e confessor-lhe com a mais desarmante das convicções:

— Sir, que sacrificio o seu de hontem á noite! Sempre tive Depew por um homem intelligente. Mas, francamente, aquelle discurso é a coisa peor que eu já ouvi na minha vida!



PERGUNTA E RESPOSTA

— Em que se parecem uma toilette de passeio com um pyjama de praia?

— Em que ambos têm as suas cores firmes e resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens, se as respectivas fazendas foram tingidas com anilinas

INDANTHREN



Verifiquem sempre se os tecidos de algodão, linho e seda vegetal das suas toilettes, de qualquer genero, foram tingidos com corantes INDANTHREN.

Observem se elles trazem a marca registrada que garante terem sido tintos com estes famosos corantes.

Para-Todos...

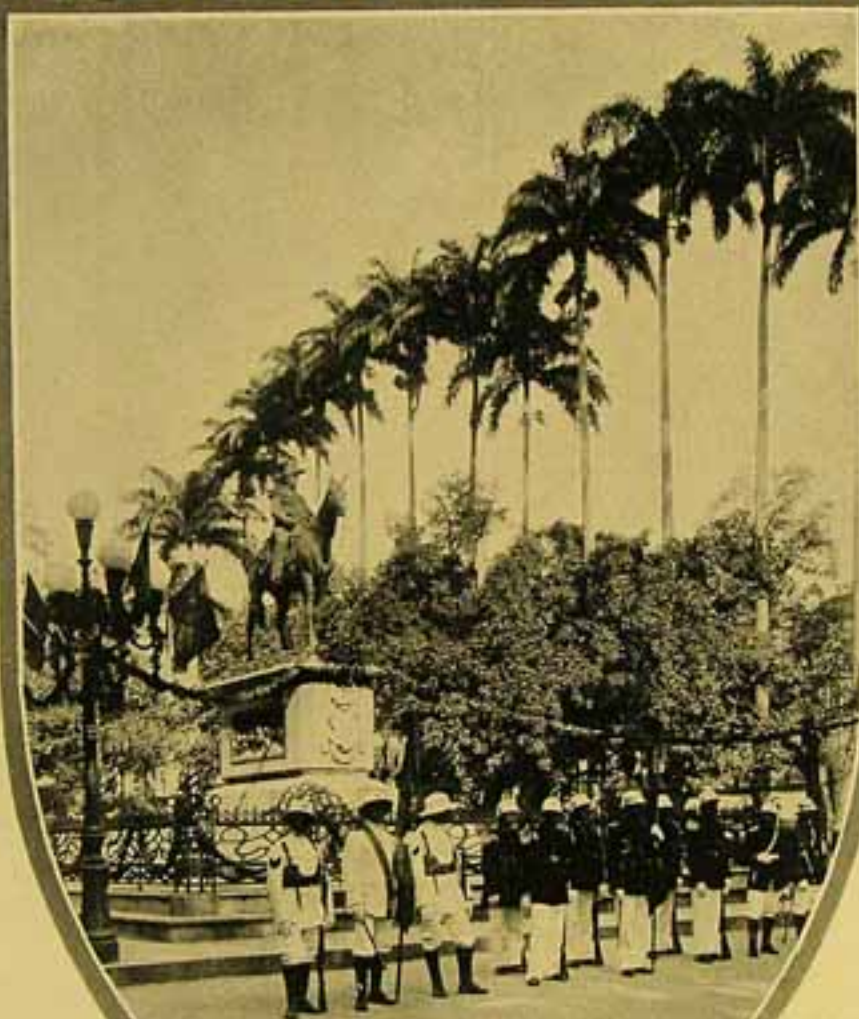
RIO

5

1 X

1931

Alegria da cidade no dia 25 foi toda para os seus defensores. O Dia do Soldado que se festeja com o nascimento de Caxias, glória e exemplo dos homens de farda, foi



uma idéia nobre e bella do General Menna Barreto. O governo do Brasil e o povo da sua Capital juntaram-se nas homenagens prestadas ao Grande Soldado e a todos os soldados da nossa terra,



O Chefe do Governo e os Ministros da Guerra e da Marinha junto da estatua de Caxias.



Escola de Sargentos, disciplinada e ativa, desfilando em homenagem ao Grande Soldado.

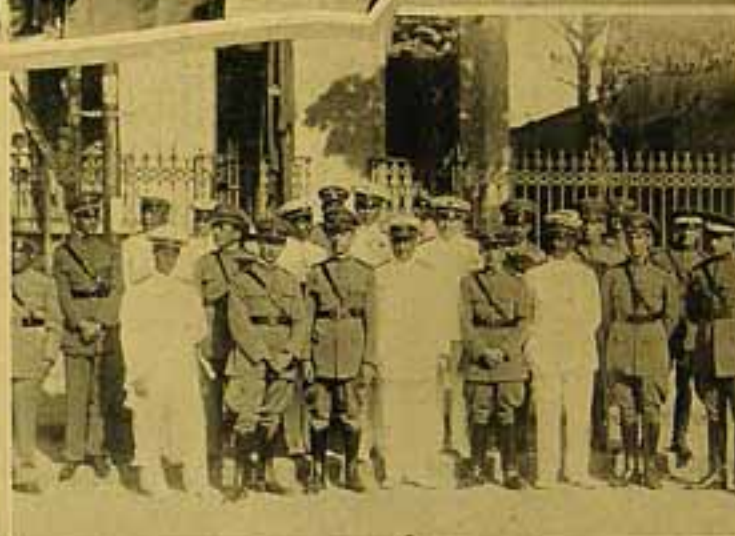
Na Escola Militar

Juramento à bandeira pelos novos alunos no estádio de Realengo.



Corpo de Cadetes

Entrega do estandarte pelo Chefe do Governo Provisório.

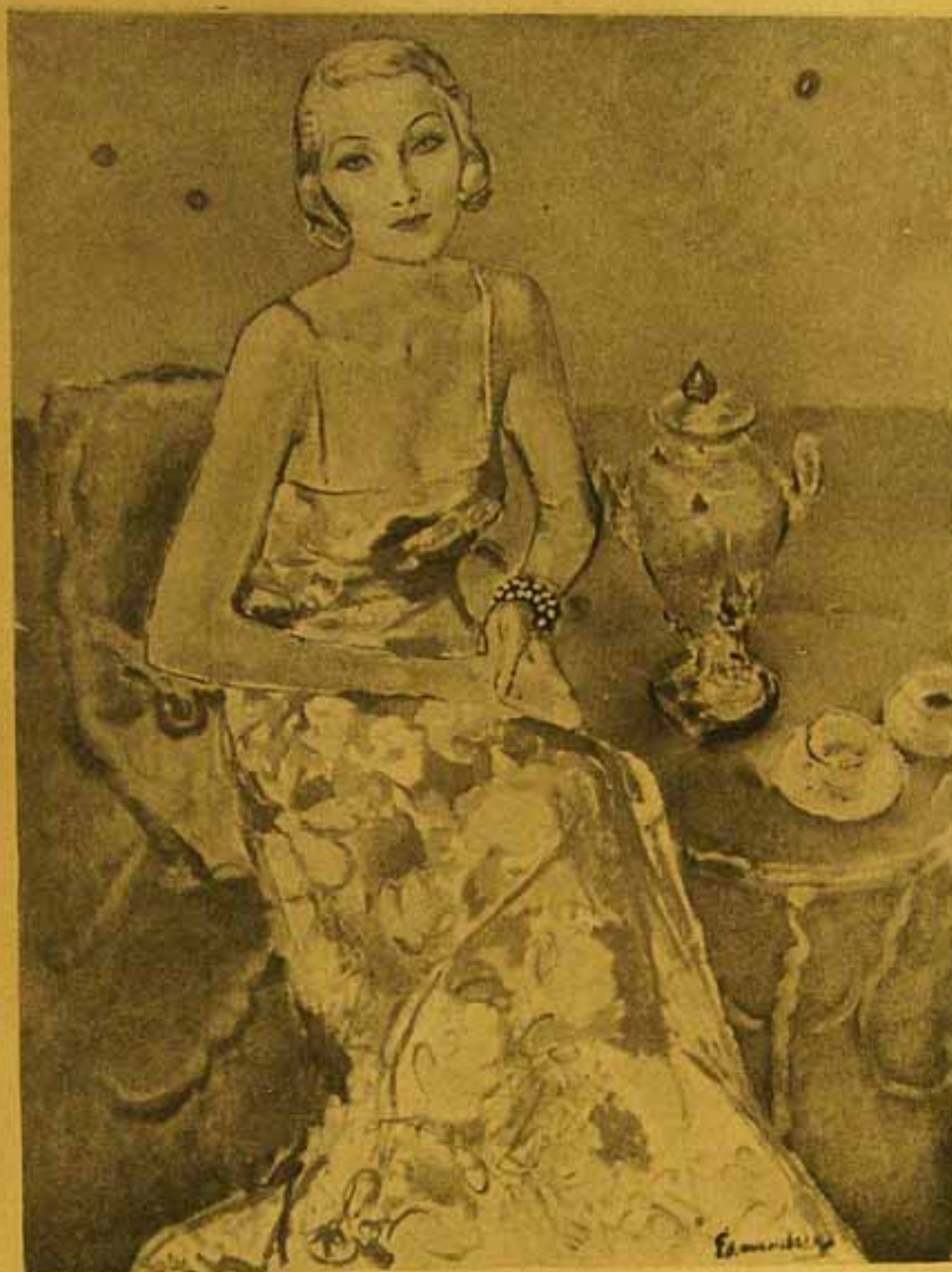


As homenagens ao Duque de Caxias em Nictheroy

Em Nictheroy, o Dia do Soldado foi festejado pela Força Militar. A' esquerda o General Menna Barreto, Interventor Federal entre autoridades e officiaes. A' direita, o tenente-coronel Carlos Muniz Barreto, com o commandante do 1º Batalhão da Força Militar e outros officiaes, depois do hasteamento da bandeira, na manhã de 25 de Setembro.

Em baixo: a Escola Uruguay, no dia da Independência da Republica amiga, ao receber a visita do Embaixador Ramos Montero.





salto baixo e uma limusina Ford. O seu perfume, de Babani. Os seus livros, de André Gide. Os seus vestidos de Jean Patou. Meias, tão invisíveis que não perturbavam as pernas. Cantava. Cantava principalmente canções russas. Sabia de cór enredos de fitas de Moscou proibidas pela censura. Religiosa, ia confessar-se nas quintas-feiras, commun-gava nas sextas. Mas nos sabbados resurgia: Alleluia! Não morreu de tuberculose como sempre lhe aconselhei. Morreu de caviar. Dentro do caixão não se descobria nos lábios della o sorriso bom dos mortos. Levou para debaixo da terra, enfeitada de rosas e margaridas, uma longa melancolia. A esta hora já entregou às donas os detalhes da sua beleza exquisita, mais de sugestão do que de realidade. Com os ossos do esqueleto, daqui a pouco fará fichas. Foi a maior paixão que lhe conheci: a roleta. Perdia invariavelmente. Perdia até às tres da manhã, nas salas de jogo. As' tres punha os «últimos haveres» no 21, não ganhava e dizia, fixando em torno a fumaça junto de cigarros, cha-

Tinha uma voz de aquario. Uma voz com peixes dourados e vermelhos, húmida, transparente, que dava vontade de metter as mãos dentro della. Não parecia haver nascido como as outras mulheres nascem, pequeninas, sem cabelo, chorando. Parecia feita com pedaços alheios: os olhos andaram em Madame Du Barry; o nariz em Pepa Ruiz, a antiga; os cabelos em Jeanne D'Arc; a bocca na Marqueza de Santos... as mãos, tudo, tudo vinha de corpos diferentes, de varias celebridades nacionais e estrangeiras. Chamava-se Ruth, tal qual aquella das espigas. Vivia no titulo de uma peça de Dumas Fils: «le Demi-Monde». Adorava champanha com ether. Usava luvas cór de perola, sapatos de

RUTH
DE **ALVARO MOREIRA**

Desenho de CAROLYN EDMUNDSON

rutos e cachimbos:—Vamos embórra. Não supporto este ar viciado.

Pobre Ruth! Podia viver mais. Não teve tempo...

MU-
LHE-
RES
NA
AGUA

MONSENHOR CALDAS interrompeu a narração do desconhecido: — Dá licença? é só um instante. Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia e disse-lhe em voz baixa:

— João, vá ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao commandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doudo. Anda, vá depressa.

E, voltando à sala:

— Prompto, disse elle; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito annos de idade. Minha alma vôou

pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrellas e o sol; penetrou finalmente num

A SIE GIVNIDA

espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão sómente por uma luz diffusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustíveis. Fui subindo, subindo: na distancia de quarenta mil leguas, ouvi uma deliciosa musica, e logo que cheguei a cinco mil leguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de ether e plumas. Entrei dahi a pouco no novo sol, que é o planeta dos virtuosos da terra. Não sou poeta, monsenhor; não ousa descrever-lhe as magnificencias daquela estancia divina. Poeta que fosse, não poderia, usando a linguagem humana, transmitir-lhe a emoção da grandeza, do deslumbramento, da felicidade, os extases, as melodias, os arrojos de luz e cores, uma cousa indefinível e incompreensível. Só vendo. Lá dentro é que soube que completava mais um milheiro de almas; tal era o motivo das festas extraordinarias que me fizeram, e que duraram dois seculos, ou, pelas nossas contas, quarenta e oito horas. Afinal, concluidas as festas, convidaram-me a tornar à terra para cumprir uma vida nova; era o privilegio de cada alma que completava um milheiro. Respondi agradecendo e recusando, mas não havia recusa. Era uma lei eterna. A unica liberdade que me deram foi a escolha do vehiculo; podia nascer príncipe ou conductor de omnibus. Que fazer? Que faria Vossa Reverendíssima no meu lugar?

— Não posso saber; depende...

— Tem razão; depende das circunstancias. Mas imagine que as minhas eram taes que não me davam gosto a tornar ca.

Fui victima da inexperiencia, monsenhor, tive uma velhice ruim, por essa razão. Então lembrou-me que sempre ouvira dizer a meu pae e outras pessoas mais velhas, quando viam algum rapax: — "Quem me dera aquella idade, sabendo o que sei hoje!" Lembrou-me isto, e declarei que me era indifferente nascer mendigo ou potentado, com a condição de nascer experiente. Não imagina o riso universal com que me ouviram. Job, que ali preside a provincia dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate; mas eu temi e venci. Dahi a pouco escorreguei no espaço; gastei nove mezês a atravessar-o até cahir nos braços de uma ama de leite, e chamei-me José Maria. Vossa Reverendíssima é Romualdo, não?

— Sim, senhor; Romualdo de Souza Caldas.

— Será parente do padre Souza Caldas?

— Não, senhor.

— Bom poeta o padre Caldas. Poesia e um dom; eu nunca pude compor uma decima. Mas, vamos ao que importa. Conto-lhe primeiro o que me succedeu; depois lhe direi o que desejo de Vossa Reverendíssima. Entretanto, se me permittisse ir fumando...

Monsenhor Caldas fez um gesto de assentimento, sem perder de vista a bengala que José Maria conservava atravessada sobre as pernas. Este preparou vagarosamente um cigarro. Era um homem de trinta e poucos annos, pallido, com um olhar ora molle e apagado, ora inquieto e centelhante. Apareceu ali, tinha o padre acabado de almoçar, e pediu-lhe uma entrevista para negocio grave e urgente. Monsenhor fel-o entrar e sentar-se; no fim de dez minutos, viu que estava com um lunático. Perdoava-lhe a incoherencia das idéas ou o assombroso das invenções; pôde ser até que lhe servissem de estudo. Mas o desconhecido teve um assomo de raiva, que metteu medo ao pacato clérigo. Que podiam fazer elle e o preto, ambos velhos, contra qualquer aggressão de um homem forte e louco? Enquanto esperava o auxilio policial, monsenhor Caldas desfazia-se em sorrisos e assentimentos de cabeça, espantava-se com elle, alegrava-se com elle, politica util com os loucos, as mulheres e os potentados. José Maria accendeu finalmente o cigarro, e continuou:

— Renasci em cinco de Janeiro de 1861. Não lhe digo nada da nova meninice, porque ali a experiencia teve só uma fórma instinctiva. Mamava pouco; chorava o menos que podia para não apanhar pancada. Comecei a andar tarde, por medo de cahir, e dahi me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas arvores, saltar paredões, trocar murros, cousas tão uteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Para falar com franqueza, tive uma infancia aborrecida, e a escola não o foi menos. Chamavam-me tolo e moleirão. Realmente, eu vivia fugindo de tudo. Creia

Salto
de
Madame
Herrent

Campeãs de
natação.
Em cima:
Miss White.

Posando...

Mlle.
Seguiller

Mlle.
Beaudu

que durante esse tempo não escorreguei, mas também não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas. Cresci; fiz-me rapaz, entrei no período dos amores... Não se assuste; serei casto, como a primeira ceia. Vossa Reverendíssima sabe o que é uma ceia de rapazes e mulheres?

— Como quer que saiba?...

— Tinha dezenove annos, continuou José Maria, e não imagina o espanto dos meus amigos, quando me declarei prompto a ir a uma tal ceia... Ninguém esperava tal cousa de um rapaz tão cauteloso, que fugia de tudo, dos sonhos atrasados, dos sonhos excessivos, de andar sózinho a horas mortas, que vivia, por assim dizer, às apalpadellas. Fui á ceia; era no Jardim Botânico, obra esplendida. Comidas, vinhos, luzes, flores, alegria dos rapazes, os olhos das damas, e, por cima de tudo, um appetitte de vinte annos. Hade crer que não comi nada? A lembrança de três indigestões apanhadas quarenta annos antes, na primeira vida, fez-me recuar. Menti dizendo que estava indispos-

Monsenhor approvava de cabeça; ao mesmo tempo afiava as orelhas para vêr se ouvia passos na escada. Tudo silencio. Só lhe chegavam os rumores de fóra: — carros e carroças que desciam, quitandeiras apregoando legumes, e um piano da vizinhança. José Maria sentou-se finalmente, depois de apanhar a bengala, e continuou nestes termos:

— Um passaro, um grande passaro. Para ver quanto é feliz a comparação, basta a aventura que me traz aqui, um caso de consciencia, uma paixão, uma mulher, uma viuva, D. Clemencia. Tem vinte e seis annos, uns olhos que não acabam mais, não digo no tamanho, mas na expressão, e duas pinceladas de buço, que lhe completam a physionomia. E' filha de um professor jubilado. Os vestidos pretos ficam-lhe tão bem que eu ás vezes digo-lhe rindo que ella não enviuvou senão para andar de luto. Caçoadas! Conheçemo-nos ha um anno, em casa de um fazendeiro de Cantagallo, Sahimos namorados um do outro. Já sei o que me vae perguntar: porque é que não nos casamos, sendo ambos livres...

— Sim, senhor.

MACHADO DE ASSIS

Vida CONTO DE

to. Uma das damas veio sentar-se á minha direita, para curar-me; outra levantou-se também e veio para a minha esquerda, com o mesmo fim. Você cura de um lado, eu curo do outro, disseram ellas. Eram lepidas, frescas, astuciosas, e tinham fama de devorar o coração e a vida dos rapazes. Confesso-lhe que fiquei com medo e retrahi-me. Ellas fizeram tudo, tudo; mas em vão. Vim de lá de manitã, apaixonado por ambas, sem nenhuma dellas, e cahindo de fome. Que lhe parece? concluiu José Maria pondo as mãos nos joelhos, e arqueando os braços para fóra?

— Com effeito...

— Não lhe digo mais nada; Vossa Reverendíssima adivinhará o resto. A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreada por uma experiencia virtual e tradicional. Vivo como Eurico, atado ao proprio cadaver... Não, a comparação não é boa. Como lhe parece que vivo?

— Sou pouco imaginoso. Supponho que vive assim como um passaro, batendo as asas e amarrado pelos pés...

— Justamente. Pouco imaginoso? Achou a formula; é isso mesmo. Um passaro, um grande passaro, batendo as asas, assim...

José Maria ergueu-se, agitando os braços, á maneira de asas. Ao erguer-se, cahiu-lhe a bengala no chão; mas elle não deu por ella. Continuou a agitar os braços, em pé, defronte do padre, e a dizer que era isso mesmo, um passaro, um grande passaro... De cada vez que batia os braços nas côxas, levantava os calcanhares, dando ao corpo uma cadencia de movimentos, e conservava os pés unidos, para mostrar que os tinha amarrados.

— Mas, homem de Deus! é essa justamente a materia da minha aventura. Somos livres, gostamos um do outro, e não nos casamos: tal é a situação tenebrosa que venho expor a Vossa Reverendíssima, e que a sua theologia ou o que quer que seja, explicará, se puder. Voltamos para a Côte namorados. Clemencia morava com o velho pae, e um irmão empregado no commercio; relacionei-me com ambos, e comecei a frequentar a casa, em Mataballos. Olhos, apertos de mão, palavras soltas, outras ligadas, uma phrase, duas phrases, e estavamos amados e confessados. Uma noite, no patamar da escada, trocamos o primeiro beijo... Perdão estas cousas, monsenhor; faça de conta que me está ouvindo de confissão. Nem eu lhe digo isto senão para acrescentar que sahi dali tonto, desvairado, com a imagem de Clemencia na cabeça e o sabor do beijo na bocca. Errei cerca de duas horas, planeando uma vida unica; determinei pedir-lhe a mão no fim da semana, e casar dahi a um mez. Cheguei ás derradeiras minucias, cheguei a redigir e ornar de cabeça as cartas de participação. Entrei em casa depois de meia noite, e toda essa phantasmagoria vôou, como as mutações á vista nas antigas peças de theatro. Veja se adivinha como.

— Não alcanço...

— Considerei, no momento de despir o collete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me cousa peor: — podia ficar o fastio. Conclui a "toilette" de dormir, accendi um cigarro, e, reclinado no canapé, pensei que o costume, a convivencia, podia salvar tudo; mas, logo depois adverti que as duas indoles po-



Mme. Marcel Gallot e sua filha Ithina



Mme. Marcel Gallot e sua filha Ithina



Miss Elmore Smith, aviadora nocturna americana. Tem 17 annos. Bateu o record mundial de altura, na categoria "Damas".

Em baixo: Miss Suzanne Desrichamps de la Meurthe



Em baixo: "Señorita Aviacion 1931", Purita Lopez, eleita ha pouco em Madrid



Miss Peach Wallice, primeira piloto de aeroplano na Inglaterra.

ODE PESSIMISTA

RODRIGO
M. F. DE
ANDRADE

N A luz violenta da manhã, saio, entre os genipapeiros, com o desejo emphatico de sentir a plenitude da Vida e a perpetua alegria derramada pela Terra...

folha tenra, verde pisado de folha seca, verde franco de jatobás e de peróbas, verde dubio de timbaúbas, verde atrevido de cipós, verde monotonico, verde redundante.

Na mattaria, assim, indefinidamente verde, verde, repousam minhas pupillas offuscadas, até que, de entre o verde de um cerrado, têm a surpresa deliciosa de uma nota de nankim.

E' um mutum, parado, pensativo soberbo como uma ave heraldica, de um preto de nankim.

— Ave fatua, pensei, fugida de um brasão germanico para a floresta tropical...

Mas, logo, como a me responder, pia o mutum tristemente, humildemente, desconsoladamente.

São-lhe do bico escarlata, em vez do canto marcial, que eu esperava ouvir, impaciente, uma queixa confusa, um gemido de dor obscuro, a tremer na mattaria sonora:

"Mundo verde e immenso, em que erro sózinho, como eu poderia confundir-me em ti? Ambicioso e ardente, vivo prisioneiro da alma exigua e pobre que a sorte me deu.

"Certo, eu bem quizera, Mundo mysterioso, no teu ser profundo transfundir meu ser. Mas, do claustro escuro a que fui fadado, nem meu sonho inquieto pôde te alcançar.

"Sei que existes, Mundo; sei que és tudo aquillo que se agita ou pára fóra do meu ser. Sei que és flor e fruto; sei que és rio e serra; sei que és tudo aquillo que eu quizera ser...

"Sinto obscuramente, Mundo numeroso, que da mesma essencia procedemos. E é esse sentimento que me faz mais triste, esse sentimento que me faz mais só.

"Entretanto, Mundo que eu cobiço e chamo, quem sabe se soffres de meu mal tambem? Quem sabe se encerras, no teu ser enorme, tantos seres vivos quantas solidões?..."



Pena



Exaltação



Angustia

Medo
(Photos
Van-
damm)
Raiva

Malicia

Mãos
de
Tilly Losh

Meu ser é uma paisagem fatigante. Morro de vê-la, obstinada, sempre igual. Em vão sophismo com blandicias, querendo-a enriquecida á força de cultura, varia, imprevisita e opulenta. Quando muito será paisagem de pedante. E é indecorosa.

Mas, entre os genipapeiros, na luz violenta da manhã, vim arejar a prisão obscura em que me confino.

Bem sei que o mundo é minha representação e que todo o Universo, todo o immenso Universo, é uma simples criação de meus pobres sentidos.

Comtudo, aqui, no quadro tropical, não ha lugar commum de philosophia natural que possa resistir á luz violenta da manhã.

Meu ser monotonico e insistente perdeu-se no esplendor estridente do dia sertanejo.

A vida, a vida numerosa e unanime, affirma-se jovialmente, sem argumentos metaphysicos. Ha uma incontinencia geral e perturbadora e uma alegria vasta e impudente de existir.

E' um concerto equalitario: — nenhuma voz se impõe ou impera só. A' eloquencia dogmatica da cachoeira distante une-se o chiado de milhões de cigarras refregas. O trilo melifluo das aves sobre a pateada dos galhos irreverentes. E, invisivel, desapiedadamente, um carro de bois, na encosta, avoluma a zuada delirante.

Deixei a sombra tremula dos genipapeiros. E, de o ter julgado illusorio, o sol castiga-me cruelmente. Pisando o dorso magro da terra abrasada, hesito e titubeio á claridade excessiva.

Vejo no ar denso e cantante ondulações multi-coloridas. O azul do céu parece escorrer do alto, esbanjando-se sobre a matta, em que me embrenho, emfim, tonto e exauido.

E eu, que queria commungar com o Todo Infinito.

Aqui ha um derrame desmedido de verde. Verde profundo de frondes, verde frivolo de parasitas, verde jovial de



Na Embaixada Norte - Americana

Foi domingo o fecho da temporada deste anno das festas em beneficio da Pequena Cruzada. O chá hollandez, na Embaixada Americana, servido por lindas senhoritas, teve um exito enorme.



NA FEIRA DE AMOSTRAS

As candidatas ao titulo de "Rainha da Colonia Portuguesa", foram festejadas no "Dia de Portugal".



NO CENTRO HIPICO

Grupo de concorrentes ás provas da
outra semana.

NO AUTOMOVEL CLUB

Aspecto do salão, sabbado passado, durante o
chá que reuniu ali uma chusma de gente
bonita.



FLES pullulam. Ha quasi tantos quantos costumeiros e modistas. Depois da guerra, os estrangeiros, principalmente os americanos (outra invasão), atiraram-se sobre Paris que se preparou para os receber, como nas épocas heroicas das exposições universaes. Brotaram da terra, em todos os cantos, particularmente em Montmartre e em Montparnasse, restaurantes, estalagens, posadas, cabanas, bosques e plantações... nem seil! O genero hospedaria multiplicou-se furiosamente. Nas paredes renasceram todas as insignias do Velho Paris, as gallinhólas e as narcejas, os patos bravos e os patinhos, as



Les Montparnassés.

BARS E CABARETS DE PARIS

lagostas e os caracóis, as gallinhas de cassarola e os gallos ousados, os burros vermelhos e os cavallos brancos e malhados; numa palavra, toda a fauna dos velhos albergues da antiga França.

Desprezemos esse pittoresco um pouco artificial e visitemos os restaurantes de aspecto mais authentic, menos pretenciosos... Sigamos o guia. Começemos pelo Bois de Boulogne.

E' preciso ver o Bar do Traktir na alegria de uma clara manhã de primavera.

Todas as jovens elegantes de mais prestigio, todas as jovens esportivas, que fazem o flirt-footing na avenida do Marechal Foch, os cavalleiros e as cavalleiras em calções mais ou menos entufados, com as botas polidas, de um lindo tom castanho, os jogadores e as jogadoras de tennis com sandalias brancas, casaco de "tweed", raquettes debaixo do braço, os "gigolós" que, cabellos ao vento, encham o ar com o ruido das descargas de "Bugattis" e de motocicletas, — toda a mocidade exuberante, vinda do ar livre, que, pelo meio dia, a fome obriga a sahir do bosque, encontra-se no Traktir.

Nada é mais appetitoso do que esse atropelo, essa fome subita e insaciavel em torno das grandes travessas de lagostas, de camarões, de mariácos, de saladas de caranguejo, em torno das pilhas de "sandwiches" de caviar e dos copos com pés de aipo e das espigas de milho verde, tenro, fresco como o orvalho. Que lindo bar todo florido de "bouquets" de camarões e dois grandes ramos de rosas! Cada um se serve á vontade, no prato do vizinho ou da vizinha com uma gentil camaradagem, uma promiscuidade de escola mista. Com a excitação dos portoflips e dos oyster-cocktails, todo mundo fala, ri, indaga. As jovens, enpoileiradas nos escabellos, dominam o alegre gorgelo do viveiro. E' delicioso vel-as descascar com a ponta dos dedos os camarões vermelhos e brilhantes como as unhas polidas com pó de coral. Tem-se nos labios o gosto das ostras frescas, geladas como o beijo de uma sereia (pelo

menos suppon maresia, uma mar acaricia, ginação e vêe-ter-cocktails a e braços nua,

pelo sol, escaparam-se de roupões coloridos. E', subitamente, evocada a atmosfera de uma praia elegante á hora do banho. Jura-se estar no bar Citroën de Deauville ou no Miramar de Biarritz.

Mas o Traktir, com o seu scenario tão bem organizado, é ainda outra coisa. A exposição dos crustaceos que movem as tenazes arroxeadas, batem a cauda, o ruido dos peixes vivos que saltam, fazendo resplandecer num relampago nacarado o ventre branco, exhalando da grande guela aberta, agonias côr de

T E X T O
E
ILLUSTRAÇÕES
DE SEM

ho). Cheiro de vaga brisa de exalta a imagina-se (os oyster-cocktails) pernas a mo e nados pelo sol, escaparam-se de roupões coloridos. E', subitamente, evocada a atmosfera de uma praia elegante á hora do banho. Jura-se estar no bar Citroën de Deauville ou no Miramar de Biarritz.



Le Restaurant Chinois

arco-iris, no meio de toda essa magia submarinha, com a illuminação de aquario, a sombra verde e dourada, sonhamos com a grota de Amphitrite a dois passos da esttua do genial autor dos *Trabalhadores do mar*...

E agora, vamos á la Villette, ao restaurante da Tête de Bouf. Sigamos o guia.

Meio dia: é a hora em que os matadores vão beber. Com a horrorosa roupa de trabalho, dura de sangue coagulado, um copo vermelho na mão, fazem pensar nos sans-culottes bebendo, depois do massacre das prisões, o sangue im-

puro das victimas. Os terriveis cães que os acompanham comple-

tam o quadro. Em volta delles, deante do zinco, comprimem-se os ajudantes, os esfoladores e os sangradores, os braços nus salpicados de vermelho, o busto envolto em tiras de sacco ensanguentadas. Carregam, fixado á cintura por uma correia, o estojo, especie de caixa de madeira onde brilham, arumados por tamanho, os alfanges e as facas. O afiador pende sobre a coxa. Os pés sem meias, são calçados com tamancos viscosos como envernizados em vermelhão. Depois vêm os que cuidam dos miudos e os fabricantes de cordas de tripa, aventaes ensanguentados, sujos de grandes manchas esverdeadas produzidas pela immundicie que sahe dos intestinos e jorra das barrigas esvasiadas. Emfim, as mulheres que se occupam com os porcos, as grandes elegantes dos matadouros: cabellos á la garçon, perolas nas orelhas e no pescoço, affaveis e imponentes.

Quasi todos os homens carregam cuidadosamente um grande cacho de glandulas de vitella, glandulas tremulas, de um rosa vivo de mucosas. De longe, seriamos capazes de jurar que elles têm na mão um ramalhete de begonias colhidas pouco antes. Parece-me que com essas glandulas fazem um excellente prato. No meio de todo o apparato de carnificina, um ramo de flores do campo sobre o balcão, a mancha azul celeste de um siphon, o verde refrescante de uma garrafa de hortelã põem umas notas delicadas e repousam a vista. Aliás, observando bem, os terriveis massacradores são homens honrados e fortes, de esplendidas bochechas vermelhas e de olhos ingenuos. Divertem-se, terminado o duro trabalho, empurrando uns aos outros alegremente, dão tapas nas costas, enviam pilherias ás mulheres, companheiras de trabalho, e á empregada do balcão que faz graças e serve o aperitivo com gestos melindrosos, o dedo minimo no ar como flecha.

Daqui a pouco, na mesa, com os conductores de animaes vestidos com as suas blusas campestres impregnadas do cheiro dos estabulos, os bravos trabalhadores vão



turbante, que fumam um imperturbável narguilé, accommo-me e *pitrelotiso* agradavelmente, bebendo o meu *kahoua* a pequenos goles espaçados.

Por Allah! Será um milagre? Que ouço? Um leão, um verdadeiro leão de Atlas rugir!!!

Não nos impressionemos e vamos saudar no Jardim de Plantas, aqui perto, esse rei exilado, cujo rugido nostálgico nos chama. De passagem dare-

tantas vezes lesmas de concha, vulgarmente chamadas caracões, e sapos verdes, denominados rãs? Vamos! nem tanto luxo! — nem tanto luxo! e entremos corajosamente.

Um preto alegre e inesperado, de gorro vermelho, abre a porta. No meio da fuma-



ça, pares, evidentemente occidentaes, fox-troteiam aos accordes de uma jazz pobre, mas americana. Até ahí nada de particularmente celeste. Em vão, algumas lanternas grotescas pendem do tecto, alguns quadros imitando charão ornamentam as paredes. Esses fraudulentos objectos chinezes não me enganam. Fico desconcertado e decepcionado.

Ah! eis o dono da casa verdadeiramente chinês que se dirige para mim. Esse filho, esse enviado do Céu, salva a situação. A' vista do meu cartão, elle faz o favor de me conduzir á sobreloja e de me introduzir nos locais reservados unicamente aos estudan-

mos assucar ao bom camelo, que passeia as crianças sobre a corcunda redonda. Isso nos trará a vantagem de prolongarmos as furtivas impressões do Oriente. E hoje, jantaremos na China, no *Quartier Latin*.

Tudo que é chinês me attrahe e me repelle ao mesmo tempo. Na porta do restaurante, hesito, presa de um pânico de estomago e de reflexões perturbadoras. Mastigo em vão hypotheticos ninhos de andorinhas, descortijo barbatanas de tubarão, como mentalmente carne de cachorro. Mas, com franqueza, não tenho comido

Almoça-se num prato de cobre. No ar refrescado pelo repuxo que murmura a sua longa canção, no meio do pateo, experimento uma comida complicada. Tenho a bocca alucinada como se comesse um fogo de Bengala. Saboreio, assoprando a



minha lingua, o "cuscús" de pimenta vermelha, *Kafta Kebal* de pimenta, extranhos doces de mel que apagam o meu paladar em chammas, tudo regado por um chá com perfume de hortelã e agua de geranio. Embalado pelo encanto adormecedor do Oriente, cochilo, quando sou brutalmente desorientado pela entrada imprevista de um bando de *Cook's* escoltado por varias raparigas de Mont-parnasse, as pernas insufficientemente cobertas e pouco iniciadas nos preceitos coranicos. Esses senhores e essas senhoras reclamam (e como!) "Champagne" secca. O encanto desaparece por um instante. Recostado nas almofadas junto de graves senhores de



devorar, ás dentadas, grandes entrecostos bem sangrentos. E' essa carne, tirada da fonte (si assim se pôde dizer), que deu reputação aos restaurantes dos matadouros. As elegantes fatigadas procuram-n'os para tratar a chlorose, põem verdadeiro vermelho nos labios, regenerarem-se, respirando o cheiro forte e alimentante do sangue fresco, quasi fervente, no contacto dos homens rudes e vigorosos, dos jovens matadores que dão a vida...

Nós, que não temos chlorose para tratar, vamos almoçar no restaurante de Brahim, do outro lado do rio. Quando digo: — Nós, é para usar o estylo nobre. Não convido ninguem para almoçar, mas, apenas para seguir o guia.

Paredes brancas, caiadas, tecidos coloridos cortados em arcos, grandes divans guarnecidos de almo-



ladas em couro trabalhado, queimaperfumes de onde sôbem vapores de sandalo, penumbra perfumada onde gemem as flautas e resoa o tamborim, estamos em casa de Brahim, no restaurante da mesquita de Paris.

tes do Celeste Imperio. O que logo me chama a attenção é o tom, o rumor das palestras nessa sala baixa cheia de gente. A velha polidez chinesa se manifesta desde a entrada. Medidas e sorrisos sem fim entre os vizinhos de mesa. Percebe-se apenas um furtivo murmúrio de boas vindas. Se uma exclamação mais viva, um riso mais alto explodem de repente, desses despropósitos só são responsáveis as pequenas parisienses, camaradas dos senhores estudantes. Pois se só ha chinezes, não ha chinezas. Pelo menos não vi nenhuma.

Todos os estudantes estão vestidos á européa, salvo um importante e gordo personagem que conservou os habitos antigos: longa trança, gorro preto, túnica e calça de seda azul escuro. E', parece, um pedicuro, muito acreditado, especie de mandarim de olho de perdiz.

Os jovens vestem com desembaraço ternos de uma concisa elegancia e de um gosto sobrio. Não ha nem *rastas* nem *snobs*. E' verdade que nem todos os filhos do Céu são bellos! Ha alguns mesmo com uma certa fealdade asiatica, de rostos vagos e como sem olhos. Mas todos têm um ar de distincção, uma finura aristocratica. Admiro aquelles cabellos negros, envernizados sobre a fronte pura, os rostos

imberbes, cor de marfim, um pouco moribundos, mas tão lisos junto do meu que vejo, reflectido num espelho, todo pintado de azul pela barba raspada, semelhante a um pedaço de queijo *roquefort*.

Na mesa, uma toalha de papel. Ao lado do prato e da taça sem asa, uma colher de porcellana de cabo muito curto e as duas varetas tradicionais que fazem as vezes de garfo. Faca não existe, a carne é feita já picadinha ou cortada antes de vir para a mesa em pequenos pedaços.



La table.

Vejo isso pelos pratos dos visinhos. Essas carnes cozidas e recosidas, longe do sabor primitivo, impossiveis de identificar, me inquietam. Persegue-me a idéa do cão comestivel. Mas o preço, na praça de Paris, de um *chow-chow* de lingua azul deve me socegar. Escolho na carta, escripta em chinez, que o *garçon* me traduz:



La présentation.



Le restaurant du Ca-Ming.

Sopa de olho de bambú

Guisado de barbatanas de tubarão e ninho de passaros.

Frango ensopado com grelo de bambú em cubos

Evito o guisado de tripas de peixe e outras especialidades muito suspeitas — e peço chá de jasmim. Eis-me rodeado de



pequenas tigelas, como em pintor das suas tintas. Como misturar tudo isso e preparar a palheta? E ainda tem as varetas, as formidaveis varetas. Para aprender o *truc*, observo os visinhos de mesa. A virtuosidade delles me assombra. As varetas de velho marfim parecem o prolongamento dos dedos amarellados e finos. O movimento das mãos é de tal forma seductor que eu me esqueço de comer. As varetas no fim do

braço flexivel, abrem-se, e fecham-se, apanham os grãos de arroz com uma presteza tão certa que fazem pensar em bicos de cegonhas beliscando em todas as tigelas semelhantes a mangedouras de passaros. Agora, de parte o riso, é preciso fazer as honras ao jantar. Vamos, varetas! Os primeiros ensaios são desastrosos. A minha falta de geito me desgosta a mim mesmo. Em vão uma encantadora visinha, assidua frequentadora da casa, já pratica, compadece-se da minha desgraça e rectifica, gentil professora, a po-

sição dos dedos sobre as varetas de marfim como sobre as teclas de um piano. Renuncio e reclamo covardemente um garfo. Provo um pouco d'aqui, um pouco de lá, com circumspecção, na ponta da lingua. E' bom? E' ruim? E' salgado ou assucarado? E' ácido ou doce? E' tudo isso ao mesmo tempo. Não é nem carne nem peixe nem cachorro nem tubarão. Os ninhos de passaros marinhos são cortados em pequenos tubos elasticos, têm o sabor iodado do sargolho. Imaginem pequenas bigornas comprimidas atomarem a forma de uma borracha. Ha tambem extranhos legumes que lembram flores fritas com pistilos longos como pernas de aranha. Parece-me que os pistilos remexem-se na tigella... Essa cosinha perversa nos introduz pouco a pouco na região das delicias... ou dos supplicios, á maneira





Le bar du Crakle.

ra lenta dos carrascos. Consome-se em secretas pesquisas para chegar a um resultado absurdo e equívoco que começa a encantar e termina nos deixando perplexos e com estranhas náuseas. É uma cosinha difícil, hermetica como certa litteratura e cubista como certa pintura. É preciso ser iniciado. Uma boa taça do chá de jasmim, tão perfumado que eu tenho vontade de derramar algumas gottas no meu lenço, vai empurrar, espero, os cubos de borracha e afogar as barbatanas de tubarão.

Para terminar, busco no fundo da minha tigela, onde mergulho todo o rosto, um pouco do candido arroz. Ah! que bom arroz honesto e confortante, com que prazer e com que confiança levo-o à bocca com o auxilio de uma unica vareta, segura entre dois dedos como uma caneta!... Agóra, partir e, ligeiro, uma excellente sopa de cebola e um chopp claro no café da Source, a dez mil leguas, do outro lado do Boul'Mich'.

E se variarmos de café? Um copo em Montparnasse?... Bem. Vejamos. Terraços!... Terraços historicos dos cafés-museus, dos cafés-capellas com as paredes cobertas por um enxame de quadros barbaros e ingenuos, dependurados como promessas, terraços transbordantes das cervejarias gigantes, cathedraes da arte nova e do cocktail, violentamente illuminadas, onde se super-posam, do sub-solo ao telhado, quatro andares de consumidores e de dansarinos. Na vertigem perturbadora dos alcooes, o bailar das luzes ebricas reflectido nos espelhos, essas fachadas rutilantes e febricitantes parecem girar, levadas no entusiasmo das orquestras de dansa, como grandes rodas de feira. É bem a feira mundial da jovem pintura. É lá que, findo o dia, vem acampar o bando assustador dos fauves. Em dez filas de cadeiras e de mesas comprumidas, uma extranha bohemia exotica, cabellos e pelles de todas as cores, bebe, exalta-se, discute arte, com gestos selvagens, em todos os dialectos do globo. Uma mistura de crentes e des-

crentes, de snobs, de Montparnós de facto, com apparencia de aprendizes, artistas sinceros trabalhadores, falhados cahindo de inveja e de miseria devorando com os olhos os que chegam, os illustres, os genios consagrados em grandes discussões. As mulheres-pintoras, cabellos collados, cigarro na bocca, os pintores-mulheres, bem barbeados, empoados, olhos pintados, terno lilás, brincos nas orelhas, extranhos Nordicos carregando uma enorme cabelleira anelada que lhes cobre os hombros, como uns Luiz XIV albinos, Canaques encapinhados borradores de coisas immundas, Rasputines com olhos de thaumaturgos, chinezes sem olhar, japonezes com oculos: mascarada pathetica ou epopéa da arte nova?

Enquanto esperamos resolver esse grave problema, vamos ceiar em casa dos Vikings, saborear uma gallinha das neves ou um filet de rangifer. Terminaremos a noite no baile da rua Blomet onde, no meio de uma fumaça acre sacudida pelas pulsações da grande caixa e da saraivada do tambor, numa atmosphera carregada de perfumes selvagens, anda em liberdade uma alegria toda animal, innocencia de paraíso terrestre negro que agrada aos nossos costumes de civilizados e á intrusão de Evas muito brancas e de peccadoras muito avisadas.



à la maison.

Acho que devo deixar em branco o espaço destinado a commentar esse quadro negro. Os pares matizados, na dansa expressiva, falam muito claramente, embora com sotaque negro, é superfluo e perigoso insistir — passemos. De mais a mais o dia desponta

e convem ir às Halles saudar o sol que se levanta bebendo um pequeno preto (ainda!) com os robustos e disciplinados homens do mercado.

E ao meio dia? Iremos almoçar ao meio dia? com as *midinettes*? No Jardim das Tuileries onde ellas distribuem as migalhas do repasto frugal aos pequenos pierrots. Sigamos essas gentis parisienses, esses *Patous* creanças, até aos salões do costureiro da moda. Por um favor especial tomaremos um *drink* no pequeno bar, que é um amor, onde vão descansar, entre duas provas, as lindas clientes americanas. É delicioso, reconfortante, um *portoflips* depois das longas poses em que, de pé, sem a distracção de um cigarro, as bellas pacientes soffrem, com uma resignação enervante, como a das poldras de puro sangue durante o tratamento, o delicioso supplicio infligido pelas terriveis contra-mestras que as apalpam, viram, reviram, picam de sangrar com um *sorny!* mastigado entre os dentes cerrados sobre um mólho de alfinetes. Nenhum homem é admittido nesses bastidores secretos da elegancia á excepção do Mestre que, pelas portas entre-abertas sobre visões galantes dignas de um Fragonard moderno, lança um golpe de vista, diz uma palavra, modifica, corrige, dá o supremo piparote exclamando o cumprimento tão esperado: "Oh! *ripping!*" É a ultima palavra.

Uf! eis o nosso passeio terminado. Só nos resta, para nos refazermos, ir mergulhar na piscina azulada do Lido-Lido de uma Veneza bem parisiense, onde na ponte dos Suspiros retinem alegres detonações de rolhas de *Champagne* que saltam com as lindas mulheres mergulhando num repuxo scintillante.

Ah! diabo! Esqueci-me de sommar as despesas, a verdadeira dolorosa, nesses tempos de economias. É principalmente isso, mudou!...

PARA TODOS...

Uma noite em Veneza



Na Embaixada da
Itália, sabbado pas-
sado: a mesa com
a Senhora Getúlio
Vargas e a Senhora
Vittorio Cerrutti.

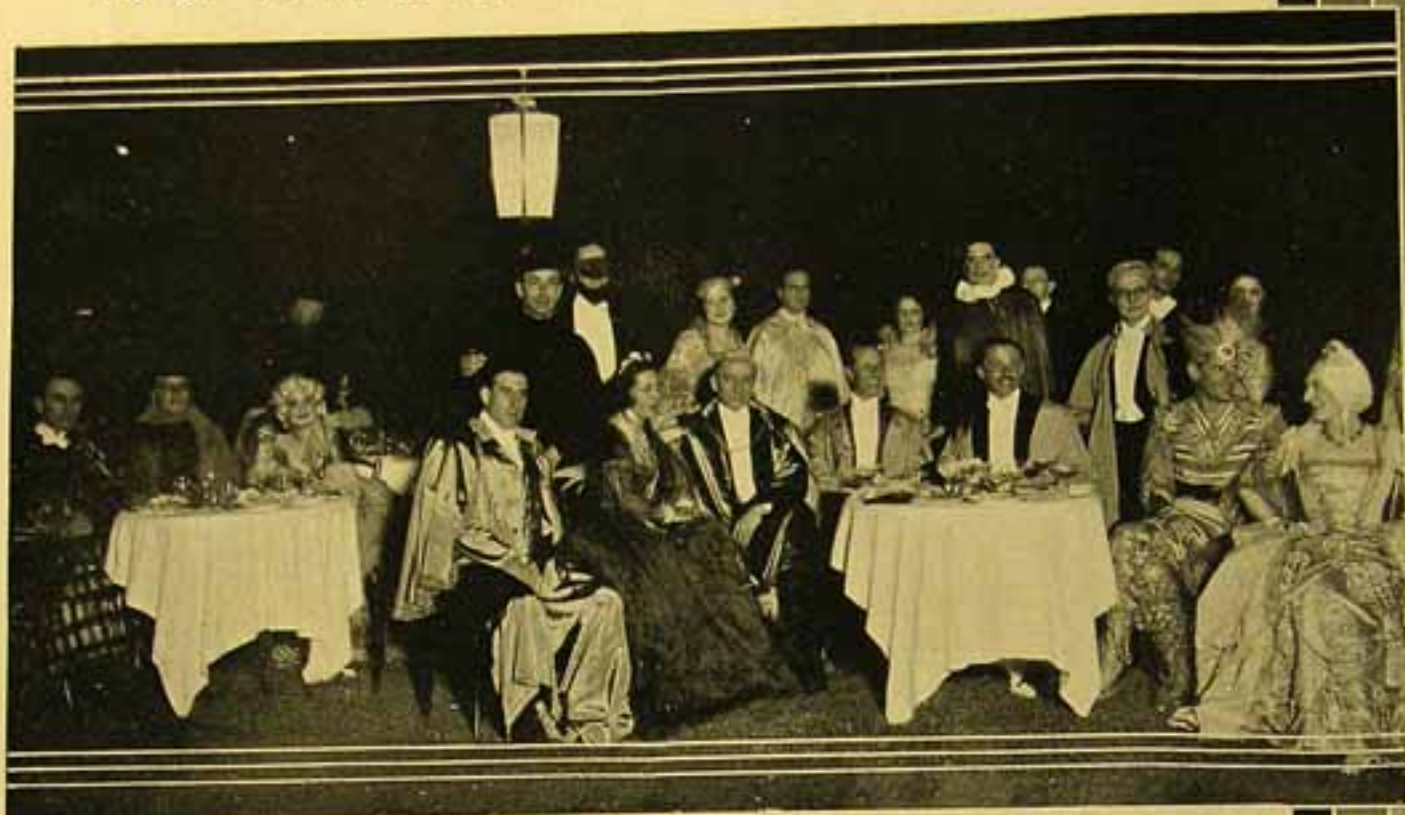


Parece um quadro... É apenas uma linda
photographia instantanea de Carlos Chapelin.



A Senhora Embaixatriz Vittorio Cerrutti,
Dogareza. (Vestido authentic da época.)

Na embaixada da Italia



Entre as lindas "vенеzianas" que resurgiram sabbado estavam as senhoras Alberto Faria Filho (Condessa Foscari), Hubrecht (Bergère de Watteau), Negra Bernardes Muller (Principessa Morosini), Marques Couto (La Moricelle cantatrice), Keeling (Principessa del Oriente), João Peixoto, Pedro Latif, Bandeira de Mello, Carlos Guinle, Alberto Betim Paes Leme, Felix Cavalcanti Lacerda, Benitez, José Carlos Figueiredo, Oswaldo Lindgren.



E as senhoritas Mabel Shaw, Lucila Noronha Santos, Nena Munoz, Gilda Rocha Miranda, Vera Roxo, Thereza Barros Moreira, Bella Betim Paes Leme, Laura Barros Moreira,

PARA TODOS...

Veneza do século XVIII



Entre os senhores encontramos, vindos daquelles tempos, Luiz, Paulo e Jack Sampaio, Hugo Delamare, Luiz Hermann Netto, João Augusto, Oswaldo Penido e Armando Serzedello Corrêa (I fratellini), Sergio da Rocha Miranda (Casanova), Felipe de Oliveira (Pantalone), Mario Bittencourt (Pierrot), Marcello Castello Branco (Arlequim), Sully de Souza (Nobre), Luiz Betim Paes Leme e Keeling (Mascaras de ouro), Victor de Carvalho (Pagem Mouro), Gilberto Trempowsky (Arlequim), Verda (Duque de Valenstein).



As nossas photographias mostram algumas das personagens da festa maravilhosa que botou numa noite dentro do Rio a graça de um passado de belleza e espirito.



Janet
Currie



Ruth

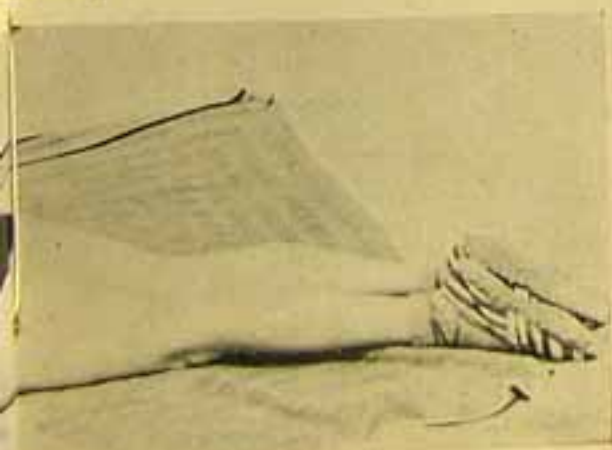
C i n

Ruth





Hall
e m a
Solwyn



Lillian
Roth



Almoço ao Professor Castro Araujo

Amigos e colegas do grande cirurgião lhe offereceram, domingo, na Urcu, um almoço que foi uma festa de sympathia e solidariedade á attitude que elle teve ao deixar a direcção tecnica do Hospital Evangelico.



Na Associação de Imprensa

Senhoritas Olga Prager, Ada M. Caggi, Igia Macedo Soares, Elisa Coelho, Senhoras Costa e Borbman, maestro Burle Max e seus companheiros que tomarão parte na festa da A. B. I. dia 10, no Theatro Municipal.

Em baixo: a mesa que presidiu a sessão solenne do Syndicato dos Professores de Ensino Secundario e Commercial, e um grupo feito durante o baile que se seguiu á sessão na sede da Associação dos Empregados no Commercio.

Syndicato dos Professores



PARA TODOS...

Coqueiros do Norte

PALAVRAS DE MARIO SETTE

PHOTOGRAPHIAS DE OSCAR MORA

Coqueiro do sertão. Isolado, mofino, magrélo. É triste.

As palmas franjadas tombas para o caule num gesto de desanimo, de debilidade, de desesperança... Como uns braços sem coragem de mais suplicar, de mais invocar.

Em redor a hostilidade verde dos avelôzes e dos garranchos pardos dos cactus.

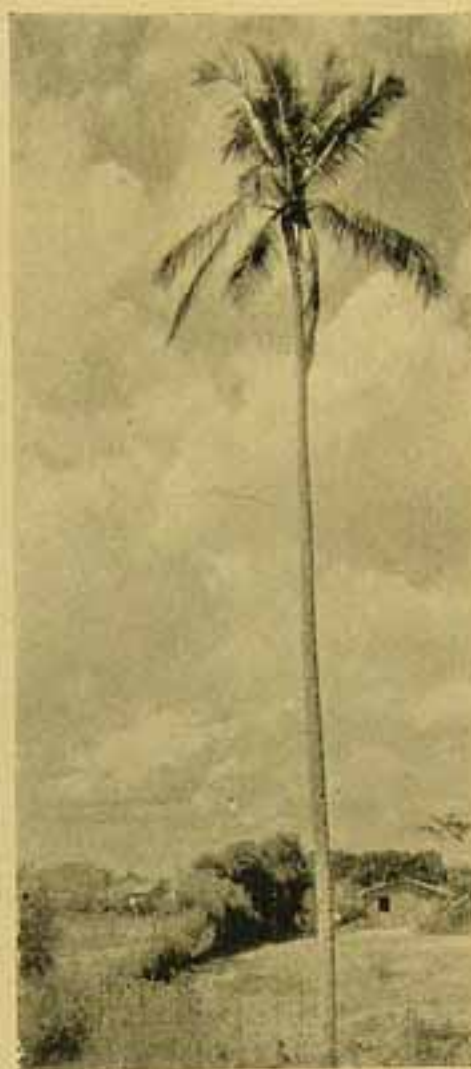
Sol muito forte, de dia. Frio muito aspero, de noite.

Vãos de arribações. Aboios. Mugidos... Depois, silencio.

Coqueiro do sertão. Exilado. Sozinho, tristonho, assumptando...

Cresceu como as creanças debeis. Fininho. Só tem altura. Um ar de doente, uma cabelleira rala, um quê de quem não se cria...

E, assim comprido, magro, parece querer espiar, cheio de saudades, por cima daquellas montanhas enormes, os seus irmãos que ficaram viçosos e alegres, à luz crúa das praias, à vista immensa do mar, ao arpejo dos ventos...



Coqueiro de praia. Contente na sua terra. Riso que canta nas palmas abertas, num gesto de quem mostra a beleza sadia do corpo. Aprumo de caule seivoso e rijo. Desgrenhado de copa de quem veio pelo sol numa carreira de alegria e de folego. Sangue verde e quente no brilho da folhagem. Vivacidade, agilidade, felicidade... Os frutos se entumescem sob o recato verdejante das franjas como seios turgidos de mulher mal velados por uma combinação de seda...

O vento cheirando a maresia, zune... O mar estoura. As jangadas vêm de mansinho para terra... As barcaças passam de bordejo... Um avião brinca de fazer susto... Rumores, claridades, movimentos.

E as palmas num cochichar acenam... Para os coqueiros mais proximos, bem na beiramar. Para os mais distantes, em bandos, em bandos... Boa Viagem, Rio Dóce, Venda Grande, Janga, Candeias, Maria Farinha, Gaybú... Coqueirões, coqueirões... Festa de espandores verdes...

Talvez por isso o céu seja sempre tão limpinho, tão azul, tão bonito.

Coqueiro de praia... Alegria de quem vive na terra a que se quer bem...



TIJUCA TENNIS CLUB

Na sua nova sede, que é a casa mais bonita do bairro, o Tijuca Tennis Club ofereceu um almoço à imprensa. Aqui estão duas fotografias de lembrança dessa festa gentilíssima. Em ambas, de branco, o presidente Heitor Beltrão.



TIJUCA TENNIS CLUB

Caixa de armar

IMAGINAÇÃO.

Ela surgiu vestida de verde, esvoaçante, esgalga,
trazendo nos gestos promessas de fadas
e a alvorada-menina pela mão...
Para o poeta já havia sido mais bella,
Antes...
Na imaginação!

FELICIDADE.

la cantando... jogando... onda vai, onda vem...
Sua voz era quente, viva, alegre, tilintante como um
guizo... Num adeus,
Felicidade, eu chego sempre atrasado!

POESIA.

Ele disse: até a morte.
Ela foi mais romântica: meu immortal amor.
... As estrelas tremeram de susto, mas... foi o luar
o culpado...!

BRINQUEDO.

Adão, Eva e o Paraiso.
Tudo repetido!
Nessas cousas de amor, a diferença está apenas no
cenário.

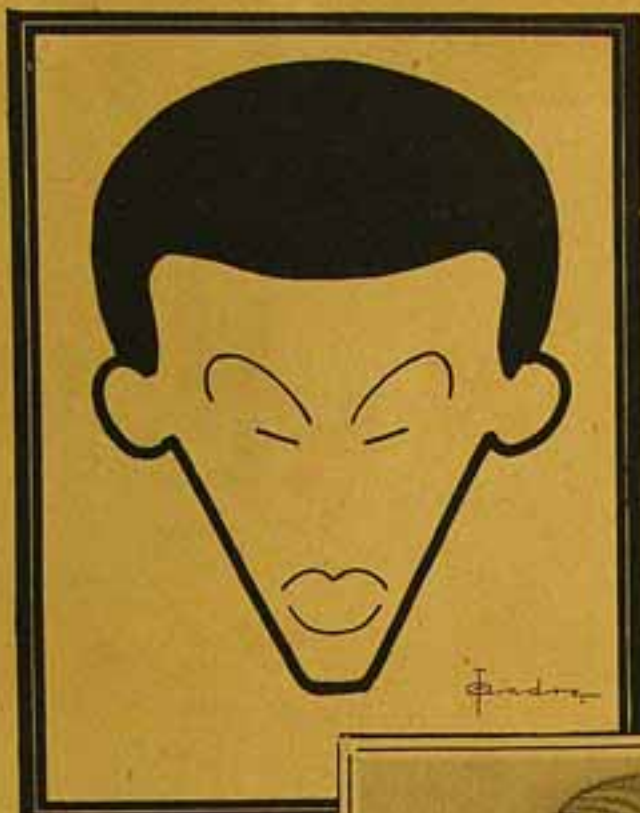
NAMORADO.

... Sem o desencanto da intimidade. Num sonho...!
Ah! Se eu fosse o namorado da Vida!

Carlos Monteiro

O Pintor Candido Portinari

(Desenho de Antonio Rocha)



Carletto Thieben

(Desenho de Fandre)



Brasil Gerson

(Desenho de Belloni)

A LIGA DAS NAÇÕES...

(FABULA)

UM enorme balão, de cores vivas e bonitas, vindo, talvez,
da alegria de alguma festa em casa de meninos ricos,
cahia, serenamente, no bairro triste dos garotos pobres.

Nariz para o ar, os olhos vivos muito abertos, os moleques que ali se reuniram em pouco tempo, esperavam, ansiosos a sua queda.

—Ninguém rasga! ninguém rasga! gritavam a uma.

Uma pedra vóou em direitura ao balão. Os outros moleques, ao envéz de repreenderem o que atirou a primeira pedra, seguiram o seu exemplo.

E o balão, muito antes de chegar ao solo, ficou todo esvaído...

J. GAMBA



V A S O

A manufatura tradicional moderniza-se. Aqui estão as suas peças mais recentes.



Faianças
de
Sèvres



P Ó T E S

A incessante vontade de renovar-se, aqui está nestes modelos.

V
A
S
O

Lisette
Coltadinho...
Coronel
Ele tem feito tudo para você
gostar d'elle. E você responde sempre com
evasivas. Já empregou todos os recursos possi-
veis e nenhum deu resultado... E' verdade?

Lisette
Elle não disse?
Coronel
E você que pensa d'elle?
Lisette
Que é necessario...
Coronel
(Com surpresa) Necessario?
Lisette
Naturalmente...
Coronel
Então você tem um gigolô? Eu não sou
coronel!

Lisette
E' um meu gigolô subjectivo...
Coronel
Subjectivo?
Lisette
Para effeitos espirituaes...
Coronel
Nessa é que não creio!
Lisette
Então você admite que uma mulher inte-
ressante possa viver sem essa valorização? Uma
mulher que se preza tem que ter esse pessoal
que vive a preocupar-se com ella. Se não tiver
é porque passa despercebida... Para você
isso deve até ser um orgulho; ter uma mulher
adorada pelos outros...
Coronel

Sendo assim...
Lisette
E quem é de nós que não gosta de sentir
esse prazer? Quem não gosta de brincar com
a dor dos outros? A gente sabe que um homem
gosta da gente. Sabe que não tem nenhuma
sympathia por elle... Mas nunca o desillude
de uma vez... Deixa uma pontinha de esperan-
ça, para que elle não desista... Isto é da vida.
Chama-se validade... Você sabe o que é vali-
dade?

Coronel
E' ter uma mulher que o mundo todo de-
seja!...
Lisette
E' fazer dos homens actores excentricos de
um theatro de marionettes...
Coronel
Eu serei também um actor desse theatro?
Lisette
Do meu theatro você é o empresario...
Coronel
(Accendendo um cigarro) Pois eu tenho
as minhas duvidas, Lisette. Li em um chronis-
ta que na vida das mulheres ha sempre dois ho-
mens: — um que dá o dinheiro e outro que não
dá... E que ás vezes leva...
Lisette

No nosso caso essa theoria não voga. Vo-
cê tem ainda a frescura da segunda categoria.
São dois proveitos num sacco...
Coronel
Eu sempre fui um grande psychologo das
mulheres. (O telephone toca).
Lisette
(Attendendo) Allô... Lisette... (Fica um
pouco embaraçada) Espere um instantinho...
(Ao coronel) O porteiro está dizendo que man-
dam chamar você com urgencia ao seu hotel.
Está lá o visconde de Romaes.

Coronel
Você me espera um momento? Eu já volto.
Lisette
(Sem desligar o telephone) Espero. Não
se demore... (O coronel sai apressado) Oscar,
diga ao Moacyr que faça a ligação d'aqui a cinco
minutos. Olha: — se o velho perguntar alguma
coisa, você informe que telefonaram do seu
hotel e que o visconde de Romaes está lá.
(Desliga, mas fica perto do aparelho, sorrin-
do. Accende um cigarro, conta os minutos no
relogio. O telephone toca de novo) Allô... Li-
sette... E' você? Onde é que você está? Ahi
em baixo, no hall? — Se pôde subir? Não faça
isso... Você me compromette... Eu estou em
trajes muito perigosos... Assim é que é bom?
Como você é sem vergonha... A situação con-

tinha inalterada... Não mudou... Quando vai
ser? Não sei... Está demorando muito? Mas as
coisas demoradas á que são boas... Mas não é
muito... Jacob serviu ao pae de Rachel sete an-
nos... A historia de Job? Conheço também.
Gosto muito dos homens pacientes... Natural-
mente. Você precisa ser ainda mais paciente do
que Job — Não faça isso! Eu não gosto de ho-
mens violentos! — Assim eu brigo com você! —
Vae esperar? Assim é outra coisa... Até lo-
go... Tenha juizo... (Desliga e fica um instan-
te em attitude de reflexão. — Depois sorri.)

SCENA XXIII

LISETTE e a CRIADA

(Batem á porta)
Lisette
Quem é?
Voz da Criada
O chá...
Lisette
A porta está aberta.
A Criada
(Entrando com a bandeja) Boa tarde, ma-
dame Lisette. A senhora parece que está con-
tente...
Lisette
Eu sempre andei contente...
A Criada
E o homem do telephone? Aquelle...
Lisette
O Moacyr?
A Criada
Sympathico, não acha?
Lisette
Um bocadinho...
A Criada
A senhora parece que está judiando d'elle.
Se eu pudesse arranjar um assim...
Lisette
Se quiser, está ás ordens...
A Criada
Isso não é dito de coração...
Lisette
Por que?
A Criada
Porque não ha quem resista a tanta prova
de sympathia...
Lisette
Eu tenho resistido...
A Criada
Mas quando oôr pela coisa será tarde... O
amor é uma surpresa. Entra pela gente sem a
gente sentir...
Lisette
Não acredito...
A Criada
O Dr. Guilherme accrescentaria que o amor
obedece a uma lei de physica. O microbio do
amor é a sympathia, a palavra cheia de carinho.
São coisas que não têm forma, que a gente não
vê. E' um buraco... Parece dente extrahido sem
dôr. Depois é que dóe...
Lisette
Mas você sabe que sou pratica no assum-
pto. Desconfio logo dessas coisas...
A Criada
A conversa está muito boa, mas o chá está
esfriando... Vou buscar outro. Não me demo-
ro, madame Lisette.
Lisette
Fica para mais tarde. Eu não tenho von-
tade. (O telephone toca)
A Criada
O homem...
Lisette
(Sorrindo) Eu não estou...
A Criada
(Ao telephone) Allô! E' do apartamento de

AMOR

P E Ç A

E M

7 QUADROS

D E

**IBRASIL
GERSON**

madame Lisette.

— Quem? (A Lisette) Não é o rapaz... É o trouxa... (Sae)

Lisette

(A criada)

Menina!... (Ao telefone) Alô!

E' você? O que

houve? Não foi

dahi do seu hotel

que chamaram?

Então foi enga-

no do porteiro...

Eu? Não pôde

ser, meu amor...

Eu não ia inven-

tar uma história

dessas, Juro! Pois se você quer que eu tenha um

gigolô, arranje um neste momento! Quem é?

— Ora... Você, meu bem? — Você tem todas

as qualidades necessárias. — E' inteligente...

E' carinhoso... Sabe dizer lindas palavras de

amor... Não gasta dinheiro com as outras...

Mais ainda? — E' o tipo verdadeiro do homem

que sabe amar... Um novo D. Juan com ou-

tras novas seducções... Está contente com a

minha sinceridade? — Gosto muito de homens

de inteligência clara... Até logo... Vou me

vestir. (Desliga o telefone, tira o peignoir e,

quando vai ficar em combinação, repara no Ho-

mem que, fala sozinho, sabendo do lugar do

"ponto", com uma originais debaixo do braço)

SCENA XIV

O HOMEM e LISETTE

O homem

Que linda que está! Que formos! Que con-

vite ao peccado! Sabe que na vida só ha uma

coisa gostosa? E' o peccado...

Lisette

O sr. quem é? (Com medo) Meu Deus! E'

uma assombração! E' o demonio!

O homem

Precisamente; o demonio! O demonio, o grande artista da vida! O que fascina os ho-

mens de espirito! O que desvia os homens in-

teligentes do caminho do céu... Porque se a

vida, no reino dos céus, fosse uma delicia e ti-

vesse encantos e imprevistos, todos os malan-

dros do mundo iriam para os conventos e se-

riam frades para assegurar, na eternidade, uma

situação de destaque ao lado do Padre Eterno...

Lisette

Eu tenho medo de falar com o sr. Por que o

sr. entrou no meu quarto? Como entrou? Com

que direito?

O homem

Eu entrei para conversarmos um pouco...

Eu gosto muito de conversar... (Senta-se) Dá

licença? Sente-se também... aqui... Não sou

o demonio, não... Sou talvez a verdade...

Porque na vida não ha só uma verdade: ha di-

versas verdades. Sou uma delas, a mais discre-

ta, a que ás vezes é um pouco inconveniente...

Eu tomaria, com prazer, um licor, e fumaria um

cigarro... Quer oferecer-me o licor e o cigarro?

Lisette

Por que não? (e oferece)

O homem

(Bebendo e depois fumando) E então?

Lisette

Que quer perguntar?

O homem

Gosta desse rapaz que a persegue? Res-

ponda: responda com sinceridade...

Lisette

Gosto...

O homem

Se gosta, por que não se entrega a elle, de

corpo e alma?

Lisette

Porque eu não acho que deva me entre-

gar, forçada pela circumstancia de gostar...

O homem

Para que gosta então?

Lisette

Não ha uma só maneira

de gostar...

O homem

Ha duas...

Lisette

Gostar para viver, para

sentir a vida, para tirar da vida todas as

emoções...

O homem

Lisette

... para viver da recordação da vida que

foi vivida, das sensações que foram sentidas...

O homem

Eu compreendi: existem dois amores:

um que é uma tempestade, que vem e vai. E

outro que é um vento brando que sopra sem-

pre, que é preciso soprar sempre... E' o que

eu chamaria um amor-confidencia, um amor

diferente, ou talvez menos: uma simples ami-

zade, uma vontade mutua de se contarem sau-

dades e de se fazerem castellos de felicidades

vindouras...

Lisette

O sr. compreende: eu queria desse rapaz

um amor que ficasse com todas as suas outras

intencções na ante-sala do meu quarto...

O homem

E elle quer de você um amor que comece

justamente no quarto...

Lisette

(Com desolação) Todos iguaes...

O homem

(Bruscamente, põe o chapéu) Com licen-

ça! (e sae)

Velario rapido

QUADRO SEXTO

(Cabaret)

SCENA XXV

O HOMEM QUE FALA SOZINHO e a MULHER DE VERDE

(Quando sobe o velario o homem que fala sozinho está sentado diante de um copo de whisky, na mesa da E. Está pensando e fumando. Entra a mulher de verde.)

O homem

Sonia...

A mulher

Armando...

O homem

Sente-se um pouco... (A mulher senta-se) Como vai?

A mulher

Assim...

O homem

Parece que você está triste...

A mulher

Esta tristeza é velha... Tem uma história...

O homem

Conte-m'a. Eu nunca soube...

A mulher

Você sabe... A's vezes a gente sente-se tão só na vida que precisa de um consolo, de alguem que se interesse pela gente... Ninguém se lembrava mais de mim... Foi então que elle appareceu... Tão carinhoso... Fez-me tantas gentilezas... Fiquel-lhe querendo bem, por isso. Depois desapareceu. Encontrei-o um dia com outra mulher... Disse-me que eu não o interessava mais... Não sei por que, a sua figura não me sahiu mais da retina...

O homem

E depois?

A mulher

Melhorei de vida e elle ficou sendo meu... Viajamos por Buenos Aires... Montevideo... Em Porto Alegre disse-me que devíamos abandonar esta vida... O cabaret era horrivel... Quería ser um homem honesto... Plantar alfafax... Mandar alfices e repolhos para o mercado... Comprariamos um sitio...

O homem

Compraram?

A mulher

Compramos... As minhas joias transformaram-se em fazendinha... Que coisa linda! Nunca me senti tão feliz...

O homem

Compraram?

A mulher

Compramos... As minhas joias transformaram-se em fazendinha... Que coisa linda! Nunca me senti tão feliz...

O homem

Compraram?

A mulher

Compramos... As minhas joias transformaram-se em fazendinha... Que coisa linda! Nunca me senti tão feliz...

O homem

Compraram?

(Continúa no proximo numero)


**Vidros
gravados**

 DE
ETIENNE
COURNAULT

PARA TODOS



O Brasil ahí de fóra

Fazenda em abandono na estrada de Barra do Pirahy
e Barra Mansa

Um pedaço do rio Parahyba do Sul que passa pela
Cidade Barão de Vassouras

(Photos Gilberto Ferrez)

Amorte do Cysle MOZART FIRMEZA

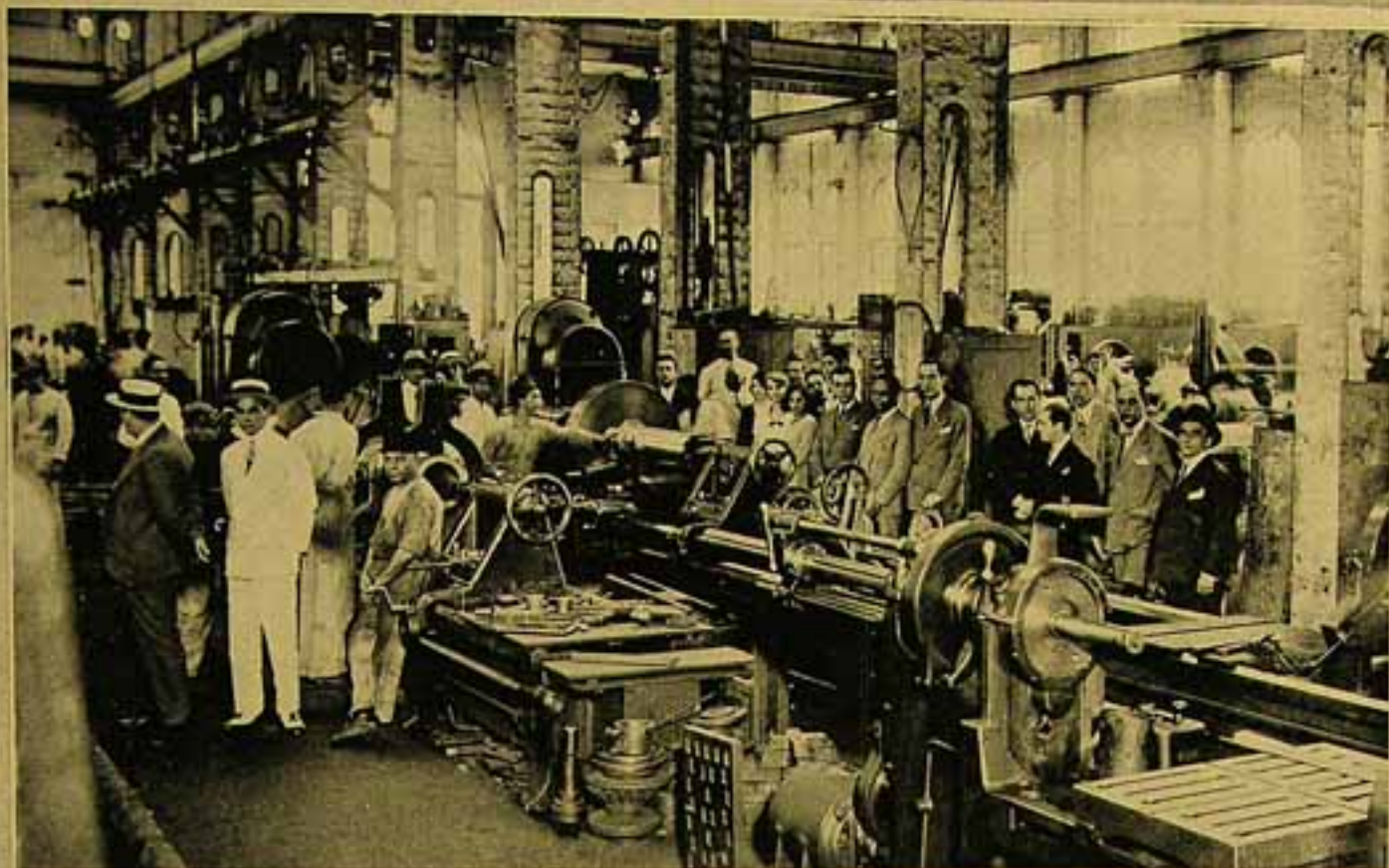
Eil-a,
sobre o tapete verdejante do mar,
a bailarina-esmeralda
dansando,
braços estendidos, em grande linha horizontal...

Vêde:
Ella treme, adeja e se confunde,
transformando-se, aqui, ali,
a bolar na immensidão do palco marinho...
Extingue-se, e reapparece,
deslisando-se, ferida, em ondulações rythmicas,
na mysteriosa choreographia das aguas...

E chega, enfim, á praia,
offegante,
nos ultimos arrancos da vida,
e cae
e morre
dentro de um turbilhão alvíssimo de espumas...

Δ M. PAULO FILHO





Nas officinas do Lloyd, da Ilha de Mocanguê



Convidados pelo tenente Napoleão Alencastro Guimarães, director do Lloyd Brasileiro, os jornalistas do Rio visitaram, ha dias, as officinas na ilha de Mocanguê, e de lá



trouxeram a impressão de que a grande empresa entrou em vida nova e eficiente. Depois da visita, foi servido um almoço a bordo do paquete "Joaquim Tavora". Um almoço cordialissimo.

Em cima: parte das officinas, onde se encontra o maior torno da America do Sul. No meio, à esquerda: a bordo do "Joaquim Tavora", vendo-se o dr. Uchôa, representante do Ministro da Viação, o dr. Pedro Ernesto e o tenente Napoleão Alencastro Guimarães. À direita: a uzina, vendo-se no primeiro plano, de roupa clara, o dr. Mario Domingues, chefe do Departamento de Publicidade do Lloyd. Em baixo: a parte das officinas que acaba de ser reconstruida.

Reportagem



FEIRA DE AMOSTRAS

O nosso patricio Spinelli, do Telegrapho Pernambucano, iluminou de Recife a porta monumental da Feira de Amostras aqui, no instante que anunciara e a que immensa multidão assistiu.



LEGAÇÃO DA TCHECOSLOVAQUIA

Recepção do violinista Jan Kubelik que voltou ao Rio e deu concertos no Theatro Municipal.



PALACIO DO CATTETE

Com o Chefe do Governo e o Ministro do Trabalho, a Comissão de Operarios que lhe foi agradecer a Lei dos Dois Terços. Operarios em frente do Palácio Presidencial.



Uma louca mulher...

AQUELA mulher muito morena, de olhos grandes e negros, tinha uma estranha simulação em cada olhar, um mistério, qualquer em cada gesto e naquela inquietação, quasi infantil, ela encerrava alguma coisa de singular, uma sensação nova nascida do ineditismo da sua grande fascinação...

Antes de tudo, era linda. De uma formosura que se desloca da intuição lúdica do belo para cair na indecifrábilidade das cousas misteriosas. Era a sua expressão, eternamente volutosa, de uma criatura que deseja um mundo de sentimento do outro lado da existencia... ou era a sublimação do pecado que se previa na expansão deliciosa da sua vida, ante o altar de um deus onipotente suplicando um prazer que nunca existiu?...

—oOo—

— Aquela mulher nasceu para o destino material da sua carne!... me dissera, certa vez, um amigo, um filosofo indecifrável, um grande pensador. O seu mistério — continuou — vive, apenas, a existencia do ineditismo alucinante do seu amor. Depois... todas as mulheres vêm, sempre, findar o seu segredo nesse "depois" tedioso e morbido...

Mas eu não acreditei. Ela havia de ter alguma coisa de estranho, um detalhe qualquer, subtil que fôsse, mas nunca igualado na vida. Os seus olhos encerravam, fatalmente, toda a razão de uma existencia nova, desigual, no

exotismo concentrado daquele corpo. E depois, como compreender-se a expressão do seu inquietante retraimento que fazia esconder-se, num sorriso, uma tristeza... Decididamente, aquela mulher era unica na vida. Era indecifrável... uma esfinge!...

—oOo—

Depois contaram-me a sua historia. Uma historia como as outras, quasi banal, uma historia de amor. De uma feita, por um simples capricho feminino, louca insensatez de mulher, casara-se com um homem a quem não amava. Desfeita a ilusão da vida conjugal que sonhara linda, veio-lhe, brutal e implacável, a realidade que nunca pressentira. Mas o seu amor, o sonho que colocara tão alto, continuava tendo a mesma expressão de vaga fantasia, desejo irrealizado na propria inconsciencia do Destino...

—oOo—

Uma noite, num baile, nos encontramos. Beijando a ponta dos seus dedos nervosos, de unhas escarlates, pontegudas, tremi diante a expressão sentimental dos seus olhos grandes e negros.



O M U N D O

Conversámos. E, depois que os outros se afastaram, descemos ao jardim sob a meiga claridade da lua, pallido crescente estial.

A principio falámos da vida. Ela achava banal a idéa da existencia. Ferimos, então, as divagações auroras da juventude. Os sonhos, os ideais imaginados, os encantos do amor. E ela, afinal, achou tudo aquilo que eu lhe disse futil demais porque não acreditava na sublimação do amor e odiava as promessas de felicidade. Era uma mulher que vivia à margem da vida e que imolara todos os encantos da sua mocidade em louvor de um sonho doido. E colocara tão alto esse ideal que ficou muito além do seu alcance. Tivera um amor e, com ele, havia perdido, também, a sua mocidade, o seu encanto, a propria alegria de viver...

Foi então que eu compreendi que a expressão daqueles olhos, aquela infinita volupia, nêles esboçada, era o desejo incontido de procurar um sonho perdido no abismo de um ideal, uma fantasia inatingível envolta na transcendencia absurda do ideal da perfeição...

Louca, aquela mulher!...

AR-
NAL-
DO

SAM-
PA-
IO

Cidade
do
Salvador,
Julho
de
1931



*En-
canta-
dor chapéu
Segundo Impe-
rio, em velludo pre-
to com uma pluma frisa-
da á antiga, que lhe dá um
aspecto moderno e,
ao mesmo tem-
po, recorda o passa-
do.*

GRANDE acontecimento dos ultimos tempos foi a transforma-
ção radical dos chapéus. Só se vêm

asas, passaros, plumas, aigrettes, marabouts, para dis e chapéus Segundo Imperio. Os novos modelos, de uma co-
quetterie bem feminina, encontraram plena aceitação entre as mulheres, fatigadas do genero "standard". Desamericanisar a moda, que já ha alguns annos dá a todas as mulheres o ar de dactylographas, é um ideal pelo qual se batem os ditadores da moda. Haviám conseguido, no que diz respeito ás "toilettes" de *soirée*. Agora, a hora do chá é um prazer para os olhos com a multidão de minusculos chapéus, tão de lado, quasi fugindo da cabeça... Parece que a excentricidade, mesmo com um pouco de extravagancia, não assusta mais as mulheres bonitas, até então apaixonadas pela simplicidade esportiva. Preoccupam-as o culto da personalidade (desculpem este termo

tão grave), cada uma quer encontrar uma nova maneira de valorisar a sua elegancia e a sua linha.

Morreu a moda "standard"! E certo grande costureiro annuncia a intenção de fazer, no proximo inverno da Europa, um vestido especial para cada mulher que queira se entregar á sua arte. Raramente as novas colleções têm sido esperadas com tanta impaciencia...

O calor está chegando. Para que os pyjamas de praia não desbotem com o sol ou com as repetidas lavagens é necessario que tenham sido confeccionados com tecidos tintos com corantes "Indanthren".



Modelo Segundo Imperio em feltro preto e uma pluma branca aparada.

moda



RICORNIO de velludo branco pospontoado com pluma também branca. Modelo "Vie Parisienne" em feltro preto e pluma. Duas pequenas asas brancas sobre feltro branco.

POUCO a pouco a fantasia entra em uso, embora as dificuldades do começo. Esta elegante mulher com o seu lindo chapéu de feltro preto com duas pennas, uma verde e a outra preta, olha, encantada a coleção de luvas: uma com tiras de mousseline ou de Suède applicadas em diagonal; outra, com finas prégas formando quadros, mais outra, crispim, arredondada com botões; ainda outra, perfurada e bordada com pospontos à mão. É inútil acrescentar que todas são em "tom sur tom".



CHAPÉO de feltro preto, muito descido na frente, ornado com uma penna flexível que atravessa a aba e reaparece sobre os cabelos.



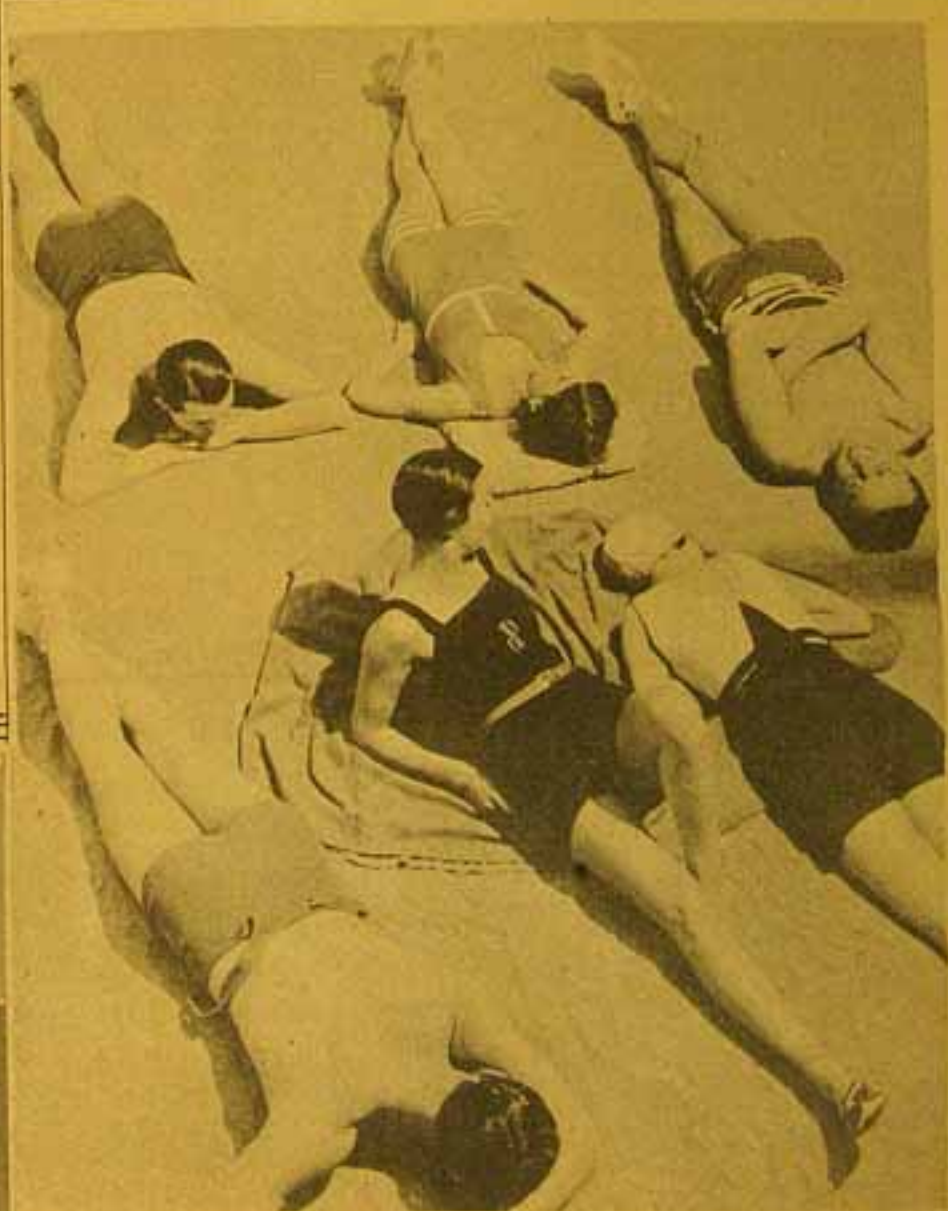
CHAPÉO de "gros-grain" preto, collocado inteiramente de lado. A aba é mantida e levantada por meio de prégas. Atraz, uma guarnição de plumas pretas.



CHAPÉO de feltro preto com longa pluma.



MODELO em palha branca bem desabado na frente e atrás. O laço de "gros-grain" azul marinho, collocado na frente tem uma forma engraçadíssima.



BANHOS
DE SOL
E DE MAR



N A P R E F E I T U R A

No dia em que o velho prefeito Passos completaria mais um anno de vida preciosa, o Centro Carioca ornou de flores a herma que se ergue no jardim da prefeitura.

N A U R C A

O painel que representa N. S. do Brasil quando foi trasladado para sua capella em piedosa romaria.



A segunda Vida

(F I M)

diam ser incompatíveis; e que fazer com duas índoles incompatíveis e inseparáveis? Mas, enfim, dei de barato tudo isso, porque a paixão era grande, violenta; considere-me casado, com uma linda criancinha... Uma? duas, seis, oito; podiam vir oito, podiam vir dez; algumas aleijadas. Também podia vir uma crise, duas crises, falta de dinheiro, penúria, doenças; podia vir alguma dessas afecções espúrias que perturbam a paz doméstica... Considerei tudo e concluí que o melhor era não casar. O que não lhe posso contar é o meu desespero; faltam-me expressões para lhe pintar o que padei nessa noite... Deixa-me fumar outro cigarro?

Não esperou resposta, fez o cigarro, e accendeu-o. Monsenhor não podia deixar de admirar-lhe a bella cabeça, no meio do desalinho proprio do estado; ao mesmo tempo notou que elle falava em termos polidos, e que apesar dos rompantes morbidos, tinha maneiras. Quem diabo podia ser esse homem? José Maria continuou a historia, dizendo que deixou de ir á casa de Clemencia, durante seis dias, mas não resistiu ás cartas e ás lagrimas. No fim de uma semana correu para lá, e confessou-lhe tudo, tudo. Ella ouviu-o com muito interesse, e quiz saber o que era preciso para acabar com tantas sciama, que prova de amor queria que ella lhe desse. — A resposta de José Maria foi uma pergunta.

— Está disposta a fazer-me um grande sacrificio? disse-lhe eu. Clemencia jurou que sim. "Pois bem, rompa com tudo, familia e sociedade; venha morar commigo; casamo-nos depois desse noviciado." Compreendendo que Vossa Reverendissima arregale os olhos. Os della encheram-se de lagrimas; mas, apesar de humilhada, accellou tudo. Vamos; confesse que sou um monstro.

— Não, senhor...

— Como não? Sou um monstro. Clemencia veio para minha casa, e não imagina as festas com que a recebi. "Deixo tudo, disse-me ella; você é para mim o universo". Eu beijei-lhe os pés, beijei-lhe os tacões dos sapatos. Não imagina o meu contentamento. No dia seguinte, recebi uma carta tarjada de preto; era a noticia da morte de um tio meu, em Santa Anna do Livramento, deixando-me vinte mil contos. Fiquei fulminado. "Entendo, disse a Clemencia, você sacrificou tudo, por que tinha a noticia da herança." Desta vez, Clemencia não chorou, pegou em si e sahio. Fui atraz della, envergonhado, pedi-lhe perdão; ella resistiu. Um dia, dois dias, tres dias, foi tudo vão; Clemencia não cedia nada, não falava sequer. Então declarei-lhe que me mataria; comprei um revolver, fui ter com ella, e apresentei-lhe-o: é este.

Monsenhor Caldas empallideceu. José Maria mostrou-lhe o revolver, durante alguns segundos, tornou a mettel-o na algibeira, e continuou:

Ceguei a dar um tiro. Ella, assustada, desarmou-me e perdoou-me. Ajustámos precipitar o casamento, e, pela minha parte, impuz uma condição: doar os vinte mil contos á Bibliotheca Nacional. Clemencia atirou-se-me aos braços, e approvou-me com um beijo. Dei os vinte mil contos. Ha de ter lido nos jornaes... Tres semanas depois casamo-nos. Vossa Reverendissima respira como quem chegou ao fim. Qual! Agora é que chegamos ao tragico. O que posso fazer é abreviar uma particularidade e supprimir outras; restrinjo-me a Clemencia. Não lhe falo de outras emoções truncadas, que são todas as minhas, abortos de prazer, planos que se esgarçam no ar, nem das illusões de saia rota, nem do tal passaro... plas... plas... plas...

E, de um salto, José Maria ficou outra vez de pé, agitando os braços, e dando ao corpo uma cadencia. Monsenhor Caldas começou a suar frio. No fim de alguns segundos, José Maria parou, sentou-se, e reatou a narração, agora mais diffusa, mais deramada, evidentemente mais delirante.

LIVRARIA ODEON
SORIA E BOFFONI
Avenida Rio Branco, 157
Telephone 2-1288

Livros dos grandes
autores universaes

As melhores revistas
de arte e literatura
editadas no mundo

FIGURINOS
os mais modernos

NOVIDADES
todas as semanas

te. Contava os sustos em que vivia, desgostos e desconfianças. Não podia comer um figo ás dentadas, como outrora; o recelo do bicho diminuía-lhe o sabor. Não cria nas caras alegres da gente que ia pela rua: preocupações, desejos, odios, tristezas, outras cousas, iam dissimuladas por umas tres quartas partes dellas. Vivía a temer um filho cego ou surdo-mudo, ou tuberculoso, ou assassino, etc. Não conseguia dar um jantar que não ficasse triste logo depois da sopa, pela idéa de que uma palavra sua, um gesto da mulher, qualquer falta de serviço podia suggerir o epigramma digestivo, na rua, debaixo de um lampeão. A experiencia dera-lhe o terror de ser empulhado. Confessava ao padre que, realmente, não tinha até agora lucrado nada; ao contrario, perdera até, porque fóra levado ao sangue... Ia contar-lhe o caso do sangue. Na vespera, deltara-se cedo, e sonhou... Com quem pensava o padre que elle sonhou?

— Não atino...

— Sonhei que o Diabo lia-me o Evangelho. Chegando ao ponto em que Jesus fala dos lyrios do campo, o D'abo colheu alguns e deu-m'os. "Toma, disse-me elle; são os lyrios da Escripura; segundo ouviste, nem Salomão em toda a pompa, pôde hombrar-se com elles. Salomão é a sapientia. E sabes o que são estes lyrios, José? São os teus vinte annos". Fitei-os encantado; eram lindos como não imagina. O Diabo pegou dellas, cheirou-os e disse-me que os cheirassemos também. Não lhe digo nada; no momento de os chegar ao nariz, vi sair de dentro um reptil fedorento e torpe, dei um grito, e arrojéi para longe as flores. Então, o Diabo, escancarando uma formidavel gargalhada: "José Maria, são os teus vinte annos". Era uma gargalhada assim: — cá, cá, cá, cá, cá...

José Maria ria á solta, ria de um modo estridente e diabolico. De repente, parou; levantou-se, e contou que, tão depressa abriu os olhos, como viu a mulher deante delle, afflicta e desgrenhada. Os olhos de Clemencia eram doces, mas elle disse-lhe que os olhos doces também fazem mal. Ella arrojou-se-lhe aos pés... Neste ponto a physionomia de José Maria estava tão transtornada que o padre, também de pé, começou a recuar, tremulo e pallido. "Não, miseravel! não! tu não me fugirás!" bradava José Maria investindo para elle. Tinha os olhos esbugalhados, as temporas latejantes; o padre ia recuando... recuando... Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e de pés.

PARA TODOS...

GYRALDOSE

para a hygiene intima da mulher

A GYRALDOSE é o antiseptico ideal para viagem. Cada dose posta n'um litro d'agua da a soluçao perfumada e de grande utilidade para a hygiene intima da mulher.



Excelente producto que não toxico, descongestivante, anti-leucorreico, resolutivo e cicatrizante. Odoor muito agradável. Emprego continuo muito economico. Da um tom estar real.

Establimento Chetral
10 Grandes Premios
2. H. de Valenciennes, Paris
Avenida de todas as Farmacias

É o antiseptico que toda mulher deve ter perto de si

Depositarior exclusivos no Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27 — Rio



ANTES DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N° 87 em 26-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, Pharmacienico
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

A venda em todas as Pharmacias.

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS

S/A. M. DALLAPÉ & FILHO
Stradella - (Italia)



Harmonicas de luxo. Grande marca universal. Ultra elegantes.

PECAM CATALOGOS AO CONCESSIONARIO EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello

LINHA MOGYANA

(Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

AS FRUTAS DA NOSSA TERRA

Só em laranjas e bananas, já exportámos 33.855:000\$000

O D. O. P. já deu publicidade á estatística da nossa exportação de frutas, nos cinco primeiros mezes do cor-

rente anno, mostrando o desenvolvimento extraordinario que vem tendo esse commercio. Hoje, podemos offerecer os numeros relativos ao primeiro semestre do corrente anno, pelos quaes se verifica como tem augmentado a nossa exportação de laranjas e bananas. De Janeiro a Junho de

1927, tinhamos exportado cerca de 60.000 centos de laranjas, que produziram, mais ou menos, 709:000\$000; em 1928, a exportação produziu 1.379:000\$000; em 1929, 3.382:000\$000; em 1930, réis, 4.287:000\$000. Nos seis primeiros mezes deste anno, a exportação de laranjas attingiu 22.116:000\$000. Os Estados que contribuíram para esse resultado foram, em primeiro lugar, S. Paulo, em segundo o Districto Federal, e, por ultimo, o Rio Grande do Sul. Dos mercados consumidores, a Grã-Bretanha continúa a ser o principal.

Horoscopos Graphologia

faz Mme Josepha Tort

Caixa Postal 2417. Rio de Janeiro

USEM LUGOLINA

E SALSA, CAROBA E MANACA DE HOLLANDA
PREPARADO PELO DR. EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO 4\$000

DIGA COMNOSCO



DR. Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA

AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS DA

LUGOLINA E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

A belleza dos cabellos é tudo para um conjunto harmonioso; para conseguil-o basta empregar o tonico maravilhoso que é a JUVENTUDE ALEXANDRE. Vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria. Preço 4\$000 e pelo Correio 6\$400. 1º depositaria a Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

A CONQUISTA DA FELICIDADE E A PREVIDENCIA

Affirma Duhois, na introdução do seu formoso livro "A educação de si mesmo", que "o homem é o unico animal que não sabe viver" e, mais adiante que "o unico movel de todas as acções do homem é o desejo da felicidade".

A conquista da felicidade, qualquer que seja a mentalidade do individuo, o meio em que elle vive, os elementos de que dispõe, é a aspiração de todos os momentos e o problema maximo da humanidade.

Para uns, a felicidade consiste nos bens terrenos: na saúde, na fortuna, no luxo, na vaidade às vezes desmedida e em tudo aquillo que o dinheiro consegue sem difficuldade. Para outros, com a alma desprendida das cousas da terra, a visão da felicidade é muito mais pura e, consequentemente, mais complexa: está no amor, no sacrificio, na abnegação, na immolação dos proprios desejos para o bem commum.

Mas esses mesmos não prescindem do vil metal, mediante o qual podem espalhar, em maior somma, o bem.

Na época de inquietação, de incertezas, vacillações, esperanças e desesperanças, arrojos e restricções que atravessamos, o problema financeiro é, pode-se dizer, universal.

Desde o idealista, cujos pensamentos irradiam em projecções resplendentes, para um futuro melhor, até a parcella mais apagada da humanidade, todos, neste momento, têm, diante dos olhos, palpitante, a incognita que, de um momento, resolveria as mais delicadas questões de caracter social ou politico: o ouro.

E' no instante preciso em que mais intensamente se vive a vida de rehabilitação, que o sacrificio se impõe, perturbando a tranquillidade dos lares e destruindo a fragilidade de todas as felicidades parciais.

Será então que o espirito de hoje a revela menos egoista para poder pensar mais no todo que na parcella do seu proprio Eu?

Sem duvida; pois jamais attingiremos a felicidade verdadeira se essa felicidade não estiver na razão directa do nosso desenvolvimento mental e moral.

Se tivesse, em phases não mui remotas, sido a directriz do nosso povo, representada pelos seus homens de governo, não attingiríamos, evidentemente, a situação instavel e angustiosa dos dias que atravessamos, em que os nossos olhos seguem ansiosos as oscillações do cambio e as nossos bolsos gemem ante os mingua-dos recursos de que dispomos a exaggerada carencia da vida material.

Se o dinheiro representa, muitas vezes, uma inutilidade, quando mal applicado, representa tambem uma coisa muito séria, muito bella e muito importante, sob o ponto de vista moral: a independencia.

A independencia, por sua vez, fortifica o caracter; e, se o caracter prova o conceito que se faz á cerca de

uma pessoa, muito mais concorre para a valorização de um povo.

Formada a humanidade de pequenas parcellas que, isoladas, nada valem, mas que, associadas, formam a cellula mater da vida, justo seria que os homens de hontem nos tivessem deixado, como garantia dessa independencia e consequente valorização da nossa terra e da nossa gente, o exemplo de previdencia que serviria, daqui a mais alguns annos, de padrão á reconstrução nacional.

Forçosamente se tornam inevitaveis as aperturas financeiras do momento: mas, é uma politica economica, segura, para que possamos desfrutar, em porvir não muito longinquo, do conforto da felicidade que ambicionamos, além do apreço geral no concerto das nações.

Sejamos, pois, previdentes; tratemos de economizar tanto quanto possível e tanto quanto nos permittam os transe em que nos debatemos, para que se modifique e melhore a nossa condição social: Samuel Johnson diz que a pobreza é o maior inimigo da felicidade humana, e com justa razão. Se collocamos de lado parcellas diminutas embora, certo no fim de algum tempo teremos contribuido para a elevação moral do nosso Eu, daquelles que connosco vivem, com irradiações para o progresso da collectividade.

Ha, actualmente, uma companhia nacional fundada para favorecer a economia, que, por um systema de cotização ao alcance de todas as bolsas, colloca o individuo em condições de prover as necessidades futuras de seu lar.

Referimo-nos á "Sul America Capitalização".

Adquirindo um ou varios titulos dessa Companhia, teremos praticado um acto de previdencia que nos proporcionará um capital relativamente importante, em tempo que pode ser bem curto, dadas as vantagens que offerecem com seus sorteios mensaes de resgate integral do titulo adquirido.

Além dos sorteios offerece a "Sul America" outras vantagens verdadeiramente tentadoras, tal como a participação do accionista nos lucros sociaes após 15 annos de mensalidades pagas.

Como se vê, só uma absoluta negligencia pelos interesses reaes da vida, se pode oppor á previdencia.

Tenhamos em vista as incertezas de todos os tempos e procuremos nos precaver contra as horas adversas.

Lembre-mos do feliz conceito de Guarney, de que em todas as condições e circumstancias o bem estar está ao alcance de todos os que têm poder sobre si proprio; e ainda que só do espirito de previdencia depende a conquista da felicidade.

M. C.

PARA TODOS...

SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO

Companhia Nacional para favorecer a economia

SÉDE SOCIAL:

Rua do Ouvidor

Esquina de Quitanda

RIO DE JANEIRO

DEVEIS ADQUIRIR TITULOS DE CAPITALIZAÇÃO:

PORQUE -- ficades obrigados a economizar mensalmente uma pequena parcella de vosso rendimento;

PORQUE -- todos os titulos concorrem mensalmente, ou sejam doze vezes por anno, a um sorteio graças ao qual podereis receber immediatamente o capital garantido;

PORQUE -- depois de pagos os dois primeiros annos podereis retirar adiantamentos ou mesmo resgatar os vossos titulos pelas quantidades inscriptas nos mesmos;

PORQUE -- **No 15.^o anno participareis dos lucros da Sociedade;**

PORQUE -- DEPOIS DE PAGOS 15 ANNOS, PODEREIS, EM QUALQUER MOMENTO, RESGATAR OS VOSSOS TITULOS POR QUANTIAS SUPERIORES A'S IMPORTANCIAS CAPITALIZADAS;

PORQUE -- no caso de desejardes, no final de 15 annos retirar sómente os lucros e continuar com os vossos titulos em vigor, não tereis de pagar mensalidades senão durante mais 8 annos pois todos os titulos ficam isentos de qualquer pagamento depois de 23 annos;

PORQUE -- mesmo depois de entrar no gozo da isenção de pagamentos, vossos titulos continuarão a participar dos sorteios que se realizam em publico, no ultimo dia util de cada mez;

PORQUE -- a SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO assume para com os portadores dos seus titulos a obrigação de pagar o capital garantido nos mesmos se não forem contemplados em nenhum dos 360 sorteios realizados durante a vigencia do contracto;

PORQUE -- finalmente, é o mais pratico e o mais vantajoso systema de economia ao alcance de qualquer pessoa.

PROSPECTOS, INFORMAÇÕES e aquisição de titulos na
SÉDE SOCIAL

RUA DO OUVIDOR, ESQ. DE QUITANDA

(EDIFICIO SUL AMERICA)

OU COM OS INSPECTORES E AGENTES

**Chegou a ficar
completamente
cego**



SR. POMPILO ORTIZ
Rio Grande do Sul — Bagé

Ilmo. Srs. Vossa Sencra & Filho, Amigos e Senhores. — Deputando com uns espantosos reclames, no jornal O Despertar, do Bagé, de outros preparados congêneres, juro-vos que fiquei comovido extraordinariamente, por me não ter manifestado até a presente data em favor da humanidade.

JURO-VOS PERANTE DEUS E MINHA CONSCIÊNCIA, o que passo-vos a relatar.

Em 27 de Dezembro de 1913 adoecei sem ter conhecimento do meu mal; consultei aos médicos e disseram ser syphilis. Desde esse momento principiam os meus martírios, apparecendo-me verrugas, úlceras, hemorroidas sanguinolentas, paralisia, palpitações, estado nervoso no extremo, fadiga excessiva, dor insuportável, dor de cabeça durante 20 dias e noites, amargura na boca, engebulamento completo, suor excessivo, potência nenhuma, enfim, um **ENTE DESGRACADO!!!**

Em 28 de Janeiro de 1914, tomei mercúrio, iodeto, caxematos e homocaptação, até 5 de Junho de 1914, no mesmo mez tomei uma injeção inteira de 600, agravaram-se os meus males, amando-me a visão, **FIQUEI COMPLETAMENTE CEGO**; o meu estado multiplicava desorientadamente.

Consultei novamente e deram-me 298 injeções de diversos medicamentos esotéricos, melhorando pouco e pouco. Sempre mal resolvi, de qualquer forma, **SUICIDAR-ME!!!** O meu amigo Sr. Salvador Digo, condado de meu sofrer, pediu-me que tomasse o **ELIXIR DE NOGUEIRA**, não dei importância; continuando mal, resolvi tomá-lo por um desengano de consciência e para ver se podia, ao menos dormir... o qual suplantou as injeções e demorou-se alguns dias. Em 19 de Julho de 1915, comecei a usar o **ELIXIR DE NOGUEIRA**, e meu peso, que era de 53 kilos subiu a 75 kilos a 1 de Agosto de 1917 e disposto a attender os meus afazeres, forte, possante e curado radicalmente. **BEMDITO SEJAS O EXTRAORDINARIO BENEFITOR DA HUMANIDADE João de Sáez.** — Pompilio Ortiz. — Bagé — Rio Grande do Sul — 20 de Outubro de 1917. — Rua Bento Gonçalves, 14 — Fátima de Tamarões, Chinelos e Sapatinhas.

Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO
É O MELHOR!

A VENDA EM
TODO O BRASIL



**SO' OS ESTADOS UNIDOS
POSSUEM MAIS OURO DO QUE
26 PAIZES EUROPEUS!**

Segundo uma comunicação official,
os Estados Unidos possuem actualmen-

te reservas-ouro na importancia de...
4.983.000.000 dollars, sendo essas
as maiores da historia. Desse modo,
os stocks deste paiz são eguaes aos
que possuem 26 paizes europeus, em
conjunto, inclusive a França, que ape-
nas tem a metade daquellas cifras.

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos
partos difficeis e laboriosos

A parturiente que fizer uso do
alludido medicamento durante o
ultimo mez de gravidez terá um
parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam
exuberantemente sua efficacia e
muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as
pharmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAUJO FREITAS & CIA.

RIO DE JANEIRO



Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria. A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na luta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus aparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o **Nutrion**, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systema nervoso.

NUTRION



A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.

